

MILITIA

ANO XV — MAR/ABR. 1962 — N.º 94



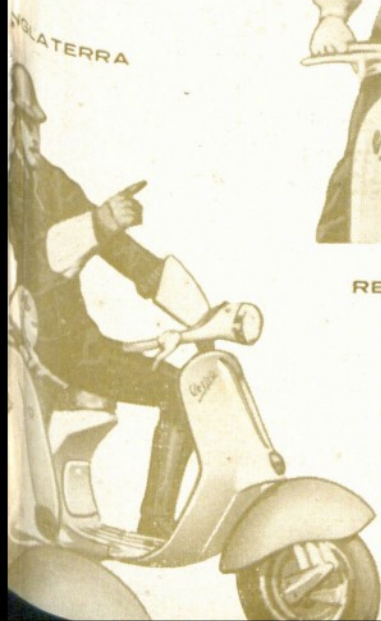
GRÉCIA



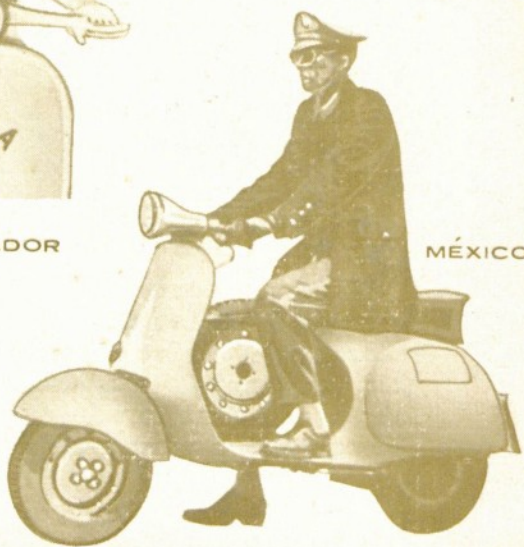
IRLANDA



REP. SALVADOR



CATALUNYA



MÉXICO

SUMÁRIO

Editorial	pg. 5
Portinari	7
Sargento Vereador	9
Catanduvas	12
Lei básica	14
Meu poema de angústia	17
A Formação das tropas de Pirafininga	21
Fala a Imprensa	25
1-0-7 chamando	27
O assunto é de Bombeiros	31
A Vocação Nacionalista da Fôrça Pública	35
Várias	42
Sacerdotes agitam o Congresso Rural	51
Publicações recebidas	52
Educação Física	55
Trombose	59
A arte	60
Hipometria	61
Co-irmãs	67
Nossos representantes	80
Expediente	83

NOSSA CAPA

O engenho humano aliado à técnica, e a técnica aliada à ciência, diariamente fornece à indústria novos produtos e utilidades com que tornar mais suave ou produtivo o esforço do homem.

Versátil como é, o «militarismo» assimila imediatamente o que de útil e prestativo a indústria lhe pode dar.

Logo, que apareceram as primeiras motonetas, as Fôrças Armadas do mundo inteiro as adotaram, na medida de seu rendimento específico. E as mais eficientes Corporações Policiais, que nutrem o seu destaque no «militarismo», também o fizeram; em nossa capa, alguns policiais pilotando a motoneta «Vespa», hoje a nossa grande aliada.

Orgãos do Clube

(Encarregados designados pela Diretoria).

SECRETARIA:—

Av. Tiradentes 900

Maj. José Augusto Resende

Tesouraria:—

Ten. Carlos P. da Silva

Colônia de S. Vicente:—

R. José Bonifácio 224

Cel. Aristides de Almeida

Colônia de Campos do Jordão

Vale Encantado

Adauto Lopes dos Santos

Colônia de Serra Negra

Bairro dos Francos

Maj. Valter Vieira Tosta

Militia — Revista:—

R. Alfredo Maia 106

Cel. Efraim B. Lastebasse

CLUBE DOS OFICIAIS DA FÔRÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Diretoria para o biênio 1961-1962

PRESIDENTE

Cel. José João Batal

1.º VICE-PRESIDENTE

Ten. Cel. Oswaldo Feliciano Santos

2.º VICE-PRESIDENTE

Major Dr. Alberto Figueiredo Duarte

SUPLENTE

Major Válder Vieira Tosta

1.º SECRETARIO

Cap. Jatyr de Souza

2.º SECRETARIO

2.º Ten. José Luiz Mesquita Prado

SUPLENTE

2.º Ten. Paulo Tenório da Rocha Marques

1.º TESOUREIRO

Cap. Ricardo Gonçalves Garcia

2.º TESOUREIRO

Cap. Raul da Luz

SUPLENTE

Asp. Flávio Vaz

1.º GESTOR DO PATRIMÔNIO

Cel. Cecílio Amaral Costa

2.º GESTOR DO PATRIMÔNIO

Cap. Hélio Guaicuru de Carvalho

SUPLENTE

2.º Ten. Ibraim José Bezerra Leonel

ORADOR

Cap. Sérgio Vilela Monteiro

SUPLENTE

2.º Ten. Biratan Godoy

Editorial

Manda a moral e os bons costumes que os interesses particulares sejam postergados em benefício dos interesses coletivos; que as conveniências de grupos sejam provisoriamente esquecidos em benefício de proveitos gerais.

O Pessoal da Fôrça Pública ao exercitar o sagrado direito de escolher seus representantes políticos, vem seguindo essa nobre orientação moral, intransigente demais para a nossa época, e que não se compadece com o espírito egoísta e imediatista que está presidindo as mesquinhas atitudes políticas que vicejam por aí; tem pôste sempre, acima dos interesses particulares de sua Corporação os superiores propósitos da nacionalidade, segundo os ditames da consciência de cada um; a mera união eleitoral sob a bandeira de vantagens imediatas para a Corporação tem sido constantemente repelida pelos seus componentes, como atitude indecorosa, imprópria de cidadãos livres, probos e conscientes de seus direitos e deveres políticos; vai nisso também um certo grau de timidez; e medo de serem apontados como componentes de «curral eleitoral», de se macular, cada um, com o epíteto de «leitor de cabresto»; mas, uma atitude desta acaba representando um suicídio coletivo.

É, por êsses motivos, que os votos dos milicianos de São Paule, dezenas e dezenas de milhares, têm sido esparramados e nunca a Fôrça Pública representou um sólido «Colégio Eleitoral», cujo pronunciamento impressionasse os políticos, como os têm impressionado outres grupos sociais do Estado.

Os nossos homens públicos assumem seus cargos depois de uma vitoriosa contagem das cédulas das urnas; galgam, portanto, as suas posições, cortejando o voto; por isso só temem e respeitam os colégios eleitorais que têm demonstrado capacidade para utilizar as urnas segundo os seus caprichos.

Enfim isto é justo, é racional; é até necessário que assim seja; se assim não fôsse, nosso sistema democrático estaria negando a si mesmo.

A Fôrça Pública tem variados problemas e reivindicações de ordem administrativa, material, social e moral; as soluções dependem dos homens públicos, da posição que assumam perante êles; não temos tido prestígio para reclamar a solução desses problemas, por que até agora não demonstramos a fôrça eleitoral, fôrça que nos emprestaria o poder de intimidação, indispensável, nestes tempos, para pleitear ou reivindicar.

Nossa tése é para que cada eleitor da vasta família Fôrça Pública recolha a cabeça das nuvens, ponha os pés na terra, e na próxima vez, vote com a perspicácia que convém.

Pôrto Alegre, 16 de abril de 1962

OF N.º 24/62

DO: Presidente do Clube Farrapos dos Oficiais da Brigada Militar

Ao: Exmo. Sr. Presidente do Clube dos Oficiais da Fôrça Pública do Estado de São Paulo

Vem de longa data a nossa admiração pela Fôrça Pública do Estado de São Paulo, por nós considerada a líder das Polícias Militares do Brasil. Todavia, não são muitos os meios de informação e ligação mantidos entre nossas duas corporações. Poucos são os oficiais e praças da Brigada Militar que tiveram a felicidade de terem contato direto com seus colegas de São Paulo. O elo mais forte desses contatos é, sem dúvida, a "MILITIA" órgão de imprensa que é orgulho de nossa classe. Através dela tomamos conhecimento do que vai pela alma do policial militar, não só de São Paulo, mas de todo o Brasil. Os artigos por ela publicados são plenos dos mais profundos sentimentos ditados pelo espírito de classe. Um de seus números, em especial, encheu-nos de orgulho e nos estimulou e exercer com mais denodo e segurança a nossa missão, muitas vezes incompreendida. O número 91 de setembro outubro de 1961, deu guarida a uma farta reportagem brigadiana, da crise político-militar de agosto último.

Sentimo-nos gratos por deferência tão especial. Mas o que nos impressionou mais vivamente, foi o vibrante e incisivo editorial publicado naquele número, onde é apreciado com desassombro a situação sócio-econômica da nossa Pátria, uma demonstração do quanto os policiais militares paulistas possuem de brasilidade e sentimento democrático.

Com as expressões de nossa solidariedade, reitera, aqui, nossos protestos de fraternal estima e elevada admiração.

(a) Solon Pellanda Franco Ten. Cel Eng.º
Presidente

CIRCULO DOS OFICIAIS DA POLICIA MILITAR

N.º 54/62 Rio de Janeiro, 7 de abril de 1962

Do — Presidente do Circulo

Ao — Coronel Diretor da Revista MILITIA

Assunto — Congratulações

Senhor Diretor

Na oportunidade em que tomamos conhecimento do número noventa e um da "MILITIA", não podemos deixar oculto o nosso orgulho pela existência de uma equipe de policiais-militares tão integrada num sistema verdadeiramente defensivo dos interesses nacionais.

É, pois, com grande satisfação que hipotecamos integral apoio às idéias expendidas em tantos artigos e no editorial do citado número da revista sob a orientação de V. Excia. colocando-nos à inteira disposição dos milicianos de São Paulo, para colaborar no que fôr possível e do desejo da equipe de MILITIA.

Com o nosso respeito e admiração

(a) Newton Alves de Brito Mello
Capitão — Presidente

Legião de Honra
Congresso de Washington
Carnegie
Charpentier

E um
dia
teve que
morrer

PORTINARI

Na casa de Saúde São José, no Rio de Janeiro, a 7 de fevereiro deu-se o passamento de Cândido Portinari, após 20 horas de internamento em consequência de um derrame cerebral.

Cobriu-se de luto a pintura brasileira, e abriu-se-lhe um vácuo que dificilmente poderá ser preenchido; pois pelo esforço e pelo talento Portinari projetou a pintura brasileira além das fronteiras de nossa pátria, e ofereceu aos povos do mundo inteiro uma concepção nova sôbre as possibilidades do Brasil.

Portinari nasceu na Fazenda Santa Rosa, no Município de Brodósqui neste Estado; era filho de família de escassísimos recursos.

A sua carreira artística, originária de um pendor natural incoercível manifestou-se muito precocemente; conta-se que um dia, entrando em uma igreja ficou fascinado com os trabalhos dos pintores e se ofereceu para ajudá-los; estava marcada a sua vocação.

Aos 15 anos conseguiu com inúmeras dificuldades e sacrifícios ir ao Rio de Janeiro para iniciar seus estudos; matriculou-se na Escola de Belas Artes, onde salientou-se desde logo pelo seu talento; em 1928 obteve prêmio de viagem à Europa que lhe facultou aperfeiçoar-se em Londres, Paris, Roma e Madrid.

Em seus trabalhos punha tôda a atenção para que a vida e os costumes de seu povo fôsem traduzidos pela sua arte, afim de que essa vida e êsses costumes se tornassem conhecidos.

Assim surgiram belíssimas, telas sôbre a vida nas fazendas de café e sôbre cenas da vida do interior. Com trabalhos tais obteve prêmios na exposição Internacional do Instituto Carnegie; desde aí passou a produzir obras de mais envergadura; foi quando pintou a decoração do monumento Rodoviário da Estrada Rio São Paulo, em 1936.

Nesse ano foi nomeado professor de pintura da Universidade do Distrito Federal e passou a trabalhar numa série de afrescos para o Ministério da Educação.

Foi nessa época que seu quadro «Café» foi adquirido pelo Museu de Arte Moderna de Nova York, e que lhe encomendaram os 4 murais da Biblioteca do Congresso de Washington; pintou ainda para a Rádio Tupi de São Paulo o «Ciclo Bíblico».

Com cenas da vida de São Francisco executou o modelo de uma série de azulejos para a igreja da Pampulha, assim como um afresco e uma série de pequenos quadros que compõe a via Sacra daquele templo.

De 1940 a 1943 realizou várias exposições na América do Norte, e após o grande êxito de sua exposição na Galeria Charpentier em Paris, recebeu a comenda da Leigão de Honra do Govêrno Francês.

Realizou ainda exposição em Buenos Aires e Montevidéu.

Diz'a Portinari que o maior elogio que recebeu foi de um simplório homem de côr que à vista de seus quadros lhe disse: «É pena que um dia o snr. terá que morrer».

Pintou ainda há poucos anos um mural para igreja de Batatais onde foi batizado.

Sem ter se esquecido de sua origem, de seu povo, sem ter se afastado de seu meio, sem ter se deixado seduzir pelos encantos de sua glória arduamente conquistada, Portinari, aos 59 anos de idade deixou órfã a pintura brasileira, a pintura que tanto soube dignificar, dignificando a sua pátria também.

Alagoano, sargento e vereador Clóvis Carrilho de Freitas Consagração em Osasco

O distrito de Osasco sempre fêz parte integrante do Município de São Paulo.

Há tempos sua população resolveu declarar a independência; naturalmente que fê-lo porque se acreditava abandonada pela Prefeitura de São Paulo que sòmente lhe sugava impostos e não correspondia às atenções que o núcleo reclamava, e porque se julgava com fôrças para se constituir em município autônomo.

Após longo tempo de trabalhos, preparatórios e de bastidores foi realizado o plebiscito previsto por lei e a Assembléia Legislativa declarou Osasco Município independente.

Acontece que a Prefeitura de São Paulo tinha e tem grandes interêsses em conservar aquêle distrito na integração de seu território; por isso aproveitou-se de lacunas processuais existentes na tramitação do diploma legal que declarou Osasco Município e recorreu à Justiça.

A perlanga se fêz longa; a luta travada no Supremo Tribunal de Justiça, e no Supremo Tribunal Eleitoral foi t'itânica; nele tanto a Prefeitura de São Paulo como o povo de Osasco empenhou todos os seus recursos.

Contudo Osasco venceu; as eleições estavam marcadas para 7 de janeiro do corrente, mas a Prefeitura de São Paulo, não desanimava e conseguiu da Justiça, na véspera da realização do pleito, a sua suspensão; mas foi também seu último esforço; Osasco saiu ganhando definitivamente.

Finalmente a 4 de fevereiro realizaram-se as eleições, os eleitos foram diplomados, empossados e Osasco hoje é o mais novo Município Paulista.

Essa digressão foi necessária para que se conhecesse os antecedentes da luta em que o nosso companheiro 1.º sargento escrevente CLÓVIS CARRILHO DE FREITAS saiu um dos vencedores com seu diploma de vereador.

Vinte e três cadeiras daquela Câmara Municipal foram disputadas por 219 candidatos, muitos de grandes recursos financeiros, ou quando não, apoiados por «fôrças ocultas» que os possuíam.

O eleitorado de Osasco compunha-se 30.782 eleitores inscritos (21.977 homens e 8.906 do sexo femenino); votaram em 95 urnas correspondentes a outras tantas secções eleitorais, com abstenção de 23,9% apesar de abundantes chuvas saudarem o pleito.

Clóvis concorreu sob a legenda da União Democrática Nacional; foi o mais votado dêsse partido; o 3.º lugar, por número de votos recolhidos, entre todos os candidatos; conseguiu 354 enquanto o segundo colocado fê-lo com 355; Clóvis realizou a sua campanha eleitoral com seus próprios recursos, humildes, porque oriundos dos proventos auridos de nossa Corporação; candidatos houve que blasonavam haver dispendido entre 2 a 3 milhões de cruzeiros. Vê-se que a população de Osasco é bastante politizada, pois não se deixou embair pelo ruído de uma propaganda de 3 milhões, que deve ultrapassar os decibéis tolerados num lugarejo como é Osasco.

Clóvis não precisava dispender muito dinheiro para se fazer conhecer ali, pois muito antes que se fizesse necessário uma campanha, êle já era conhecidíssimo, em tôdas as camadas sociais, e entre os trabalhadores principalmente; seu espírito serviçal e desprendido, sempre esteve pronto a atender às pessoas desprovidas de expediente e inexperientes na luta pela sobrevivência. Assim é que orientava, ajudava e intervinha na obtenção de documentos para os trabalhadores que diariamente acorriam ao grande e rico município. Fazia-o sempre sem fim de lucro, mas apenas por questão de solidariedade humana, mormente quando se tratava de pessoas extranhas ao nosso estado; secundava a qualquer um que tivesse dificuldades com exigências burocráticas, como as exigências para liberar cadáveres, procurar pessoas desaparecidas; diligenciava e orientava a internação de doentes a qualquer hora do dia ou da noite; nunca ninguém encontrou fechada as portas de sua residência. Note-se, que há 11 anos reside em Osasco; nunca pertenceu àquele destacamento, de modo que sua atuação não decorria de alargamento filantrópico de suas atribuições profissionais, mas decorriam mesmo de seu gênio, de seu temperamento que se prestam a essas atitudes de dedicação ao próximo.

Finalmente teve a paga; a sua eleição é uma consagração; o povo pagou o seu desprendimento.

O 1.º sgt. esc. Clóvis Carrilho de Freitas ingressou na Força Pública a 21 de agosto de 1952; serve na Seção Jurídica do Quartel General desde que foi aprovado no concurso para sua especialidade e foi promovido a cabo estagiário. Todas as suas promoções foram por merecimento.

Nasceu na cidade de União, estado de Alagoas e veio para São Paulo com 8 anos.

É casado; tem 4 filhos menores. Reside em Osasco há cerca de 11 anos. Pugnou incansavelmente pela sua emancipação.

Leão X (João de Médicis) foi nomeado cardeal com 14 anos de idade. Ao ser elevado ao trono de S. Pedro em 1.513 disse: «Vamos gozar o papado, uma vez que Deus no-lo deu».

Maquiavel estabelecia nítida diferença entre a política e a ética

André Verságlio, como resultado das dissecações humanas, que praticou ponde por em dúvida a existência do «osso incorruptível» que passava por ser o núcleo em torno do qual se processava a ressurreição do corpo.

Vários reformadores protestantes consideravam a poligamia incorrecionosa do que o divórcio, baseando essa opinião no fato de ser a primeira admitida pelo Velho testamento ao passo que a segunda era proibida pelo novo.

Descartes, o filósofo de «penso, logo existo» ensinava que pensamento não é uma forma de matéria, mas uma substância inteiramente diversa implantada no corpo do homem por Deus. Localizava-o na glândula pineal situada no alto do crânio.

Diderot afirmava: «os homens jamais serão livres enquanto não for estrangulado o último rei com as tripas do último padre».



Depois dos folguedos, alimentos sadios!

Sopas, cremes, carnes, vegetais e deliciosos sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

1.º TENENTE E
GENERAL DE EXÉRCITO

- CATANDUVA -

1924 - 1962

O dia 22-2-62 lembrou o combate de Catanduvás; foi há 37 anos desse dia, que se travou nessas plagas a última refrega importante da Revolução de 1924; após esse combate de CATANDUVAS a revolução ficou perdida e começaram as andanças.

Veteranos daquela epopéia lembraram-se da data e resolveram, reunidos, comemorá-la; e nada melhor para fazê-lo, que comemorá-la junto do então 1.º tenente Nelson de Melo, hoje General de Exército e Comandante do II Exército Brasileiro, situado em São Paulo.

Por isso um grupo de veteranos, entre os quais o mais entusiasta era o nosso camarada cap. Mateus Félix de Moura, compareceu ao Quartel General do seu companheiro; compunham o grupo de remanescentes de 1924 os srs.: cel. João Procópio da Silva, cônsul Reis Perdigão, que deslocou-se do Rio de Janeiro especialmente para esse encontro, professores Ismael de Souza Barreto, Francisco Nicolacci, cap. Francisco das Chagas Printes, Marcolino Machado, Washinton das Neves, Leonel Antônio Ferreira de Oliveira, ten. João Lopes Vieira, sqts. Leonel Tinto, Vicente Elias, e o inspetor João Bueno





Os velhos combatentes encontravam-se emocionados; já encanecidos, parece que reviviam todo o vigor da juventude ao rememorar mais uma vez os feitos em que tomaram parte ou de que foram testemunhas.

O prof. Nicolacci fazia questão de lembrar que foi um dos comandados do 1.º ten. Nelson de Melo; sob seu comando saiu a sua tropa do bairro do Cambucí, na capital Paulistana, e foram até Guaíra numa longa retirada, combatendo as vanguardas legalista do Presidente Artur Bernardes.

De combate em combate fortificaram-se na serra do Medeiros, no Paraná, onde travaram duras e memoráveis batalhas durante 4 meses, resistindo até a agonia da revolução.

A reunião, por fim tornou-se numa manifestação de apreço ao Exmo. Sr. General NELSON DE MELO, numa homenagem ao companheiro de maior prestígio e projecção atualmente e que galgou o posto mais ambicionado de

sua carreira; foi então que o prof. Souza Barreto discursou salientando as qualidades do homenageado que já, naquela época se revelava não somente um bom militar, mas um verdadeiro irmão para os comandados.

O Orador lembrou-se ainda do banimento de 500 revolucionários para a Clevelândia, — colônia agrícola perdida lá pelas longínquas margens do Oiapoque, no extremo norte do país, onde pereceram cerca de 400 banidos.

“Essa reunião poderia ser muito mais concorrida, não fôra a dispersão dos camaradas presos, com exílios e mortes de companheiros, que deram a vida e o sangue pela grandeza de Brasil”, terminou o prof. Ismael.

Como todos sabem o gen. Nelson de Melo guarda gratas recordações daqueles tempos de hemoísmo anônimo em que as expressões de patriotismo deveriam traduzir se em atos de desprendimento pessoal, quando não de feitos de armas para quem as possuísse.

Nos cliês dois aspétos do encontro.

Outra onda contra

Porque ela in-
comoda tanto?

LEI BÁSICA

Cap. João Aldo Danesi

Correspondente

Os jornais da Capital do Rio Grande do Sul, publicaram o texto de um telegrama enviado pelos Presidentes das Entidades Policiais daquele Estado) aos deputados riograndenses e aos líderes de bancadas solicitando a completa rejeição do projeto de Lei Básica das Polícias Militares que tramita no Congresso Nacional.

O projeto de Lei Básica das Polícias Militares não é uma inovação e nem tão pouco visa transferir atribuições da Polícia Civil, para a Militar; sua promulgação é uma imposição da Carta Magna da República, (art. 5.º, item XV, letra "f") que confere à União a competência legislativa quanto a organização, instrução, justiça e garantias das PPMM e condições gerais de emprego, pela União, em caso de guerra externa ou civil.

A Lei Básica vigente data de 17 de janeiro de 1936; regula dispositivo idêntico da Constituição Federal de 1934, já revogada.

Inadmissível seria as PPMM continuarem regendo-se por uma lei já considerada, em muitos dispositivos, obsoleta; pois que nestes tempos as leis envelhecem rapidamente e precisam so-

frer modificações consentâneas com o desenvolvimento social. Óbvio, portanto, que as PPMM, que são constitucionalmente instituídas para a manutenção da ordem nos Estados, nos Territórios e no Distrito Federal tenham sua missão definida em lei ordinária, pela União, conforme determina a própria Lei das Leis.

Não há e nem pode haver motivos para preocupação, pois que não tem, o referido projeto, a pretensão de transferir atribuições outras para as PPMM senão as de apenas definir suas próprias missões outorgadas pela Lei Maior do País; prova-o o fato de ter sido julgado constitucional pela Comissão de Constituição de Justiça da Câmara dos Deputados e aprovado pelas Comissões de Segurança Nacional e de Finanças daquela Casa Legislativa. Tivesse o projeto por objetivo a transferência para as PPMM de atribuições de outras Instituições, por certo teria sido julgada inconstitucional pela Comissão competente.

A atual Carta Magna da República trata das Polícias Militares em três capítulos diferentes.

No capítulo referente à competência legislativa da União inclui a de legislar sobre a organização, a instrução a garantia e a justiça das PPM, bem como, as condições gerais para o seu emprego, pela União, nos casos de mobilização ou de guerra.

No capítulo relativo à Justiça, trata, no item XII do art. 124, da Justiça Militar Estadual; e, no capítulo alusivo às Forças Armadas, refere-se estritamente às Polícias Militares (art. 183), instituindo-as para a manutenção da ordem e a segurança pública nos Estados, Territórios e no Distrito Federal.

E' sobre esses Dispositivos que esta procurando a União legislar. Se nesse desideratum interferisse em outras atribuições seria necessariamente por imperativo Constitucional, portanto, esta suposição está afastada, de vez que a missão da Polícia Judiciária está perfeitamente definida no Código de Processo Penal Unitário.

Examinando-se o projeto 1081-A, se nos afigura que nenhuma atribuição contida na referida lei processual penal foi transferida para a esfera das Polícias Militares. O projeto-lei refere-se ao policiamento preventivo-ostensivo. Este termo não se encontra em nenhuma lei como atribuição das Polícias Civas e seria inconstitucional qualquer referência a esse respeito, uma vez que o Estatuto Básico do País o deferiu privativamente às Polícias Militares.

As funções inerentes à Polícia Judiciária são especificamente diferentes das da Polícia Preventiva. Esta age antes do delito, prevenindo-o através de ações pacíficas de policiamento que se denomina "Preventivo-ostensivo", por ser

executado por homens convenientemente identificados por uniforme, para serem melhor vistos e encontrados pelo povo, prestando assistência, e exercendo uma vigilância ativa e constante para salvaguardar a vida, a liberdade e a propriedade dos agregados sociais.

Assim agindo, estão estes homens fardados evitando a consecução das infrações penais por parte dos agregados sociais, mantendo, em consequência, o equilíbrio social. Mas, para que esta ação preventiva seja eficiente, prescindir de um planejamento adequado aliado a uma seleção e formação aprimorada dos homens destinados a esse mister social.

A Polícia Judiciária ou Repressiva tem sua ação post delicto, isto é: concretizada uma infração penal (crime ou contraveção) inicia os atos preliminares da ação repressiva, que é composta de uma equipe de técnicos, que obedece à chefia da autoridade policial, e que consiste na apuração da infração penal e da sua autoria e consequente encaminhamento dos autos que se denomina "Inquérito Policial" à Justiça para o devido julgamento do interior.

E' inofismável qualquer argumentação contrária à existência de duas funções distintas que exigem dois órgãos independentes e harmônicos entre si, para executá-las.

Inexequível seria atribuir à Polícia Judiciária funções inerentes à Polícia Preventiva. A ação preventiva da polícia não pode mais prescindir de um planejamento, como também, não pode ser exercida por quem não esteja convenientemente selecionado e formado.

Como poderíamos conceber que as Instituições Constitucionalmente incumbidas desse mister seleccione e forme seus homens e depois os entregue' à outras Instituições, cuja estrutura é diametralmente oposta? Pois a Polícia Mi-

litar é estruturada militarmente para a função policial, enquanto que a Polícia civil é estruturada civilmente para as fuções da "Polícia Judiciária". Não se pode também admitir subordinação de uma à outra.

O abismo que separa a moral comunista da moral dos países burgueses é exemplificado pela consagração de um monumento, em Moscovo, no ano de 1.939 a um menino de 12 anos que denunciou o próprio pai à policia secreta, por ter homiziado alguns inimigos de Stalin.

Antes da guerra de 1.914 os Estados Unidos deviam cêrca de três bilhões de dolares aos países europeus, e quando a mesma acabou eram credores dos mesmos numa importância de onze bilhões de dolares.

Em 1961 foram produzidos no Brasil 20.000 Televisores. 650.000 receptores de rádio; representa isso um faturamento de Cr\$ 30 bilhões de cruzeiros.

Roupa mais limpa...

mais bonita... como nova!



SABÃO MINERVA EM PÓ



Também no tanque, na cozinha, na pia...

Minerva em Pó é o melhor!

Agora, mais do que nunca, Minerva é um descanso!

10 dias que abalaram o Brasil — R.G. Su
ecos de uma epopéia

Meu poema de angústia na espera maior

Jaré Hilaria Botamosa

A espera cansava e a guerra não vinha.
— Onde é que anda a guerra? — o moço indagava.
— Quem dera não venha... — Oxalava o senhor.

O ventre da espera engravidada de angústias
E a guerra não vem! Na véspera-noite
Ninguém se dormia. Nem guapos descansam
Estando ameaçados de ser destruídos.

Chegou madrugada e a ordem também:
— "Mais rápido em forma! Deixar o quartel!"

Ninguém fraquejou!
Silêncios bem grandes
Formaram colunas,
Marcharam calados
De ouvidos atentos
Com armas na mão.

Os mais carrancudos, os mais quietarrões,
Deixaram carícias de mudas palavras,
De quietos olhares na hora cruel...
São todos humanos!

Trincheiras de peitos, trincheiras humanas,
Trincheiras de fardas,
Fizeram vanguarda: — Matar ou morrer!

As mãos calejadas bordaram carinhos
Nas armas antigas que iriam falar...

Os sonhos rodaram na cancha do tempo,
Ninguém sonhou mais!

No rosto enrugado
Do pai de família,
A noite-vigília
Orvalhou-se em suor...

O sol infiltrou-se por trás das trincheiras
E a guerra não veio, e a morte não veio...
Adiou seu encontro pra vir logo mais.

Sentamos à mesa
Tomamos café...
Café — nata magra,
O pão seco e duro
(Onde anda o futuro?)
Sabor de amargura,
Que nojo de pão!

Os homens fardados de roupa amarela
Dos raios de sol, com armas na mão,
Com barbas de estampa dos livros de história,
Desceram sorrindo,
À espera da senha que faz os heróis...

Relógio embalou-se no pêndulo triste
Marcando, marcando no livro da vida,
Que vida que havia pro triste soldado.

Viver... Talvez não!

A infância na rua puxava revólver
Brincando de guerra...
Talvez não sabendo que a morte e a guerra
Adoram o sangue do pai e do irmão...

A noiva na rua de brinco na orelha,
Falava de guerra com lábios em flôr...
Talvez não soubesse que a guerra tem sêde
Do sangue do noivo — seu sonho de amor!

A mãe no oratório rezava baixinho
Pendendo ao senhor :
— Velai por meu filho, deixai-o viver...
Se fico sôzinha, também vou morrer...

— Tem mais uma hora! Dizia o relógio
De pêndulo triste que sempre diz não...

E o tempo lavrava co'arado de angústia,
O rosto marcado do pai de família
Que a vida quisera fazer de soldado.

O tempo abriu sol de valente coragem
No rosto do noivo — do noivo tão moço! —
Que um dia sonhara ser guapo oficial!



PÊSO LÍQUIDO
454 grs - 1 Kg - 2 Kgs



COMPANHIA BRASILEIRA DE LEITE E CAFÉ SOLÚVEL "LEI-CAFÉ"
Av. Rio Branco, 1727 - Fones: 52-1119 - 52-1110 - Rede Interna - S. Paulo

O pai de família se olhava por dentro
Indagando a si mesmo, que tempo haveria
De amor a seu filhos pra vê-los crescer.

O moço indagava no giro do tempo,
Que tempo faltava
Pra êle — tão moço! — fazer-se um herói...

E o pai de família sabia que a morte
E' que faz a legenda do herói que lutou...

E o moço queria
Tornar-se num guapo, fazer-se um herói!

E o pai de família sabia que os guapos
Ou morrem na luta, ou sobram quebrados
Nos leitos de geadá de quieto hospital...

E o moço queria mostrar-se um herói!

O tempo girava rodando os ponteiros...
Sonâmbulos pêndulos geravam silêncios
Na ronda do tempo...

Ressoava o tambor
Na angústia da espera, tambor-coração!

E a guerra onde anda? dizia-se o moço,
Será que não vem?
Ponteiros seguindo diziam que sim!
O pêndulo, calmo, afirmava que não!

Quartel em compasso de espera e de angústia,
De farda amarela com raios de sol,
Julgava-se, fêra, esperando o momento
De ser uma fêra banhado no sangue
Do pai de família e dos moços valentes
Que apenas sonhavam fazerem-se heróis!

E a senha chegou:
...” e oito minutos,
registra no tempo
o relógio que tenho!”

Tropel de emoções!

E o tempo estacou.
Calava-se à espera
Da grande entrevista
Que fez do inimigo

Um aliado e amigo pra mesma trincheira,
Pro mesmo bivaque apoiando um ideal!

A guerra ficara com pena da mãe
Que lá no oratório rezara ao Senhor.

O pai de família,
Sorriso nos lábios
E os olhos mareados,
Olhando os soldados,
Pensava nos filhos
aos quais poderia
brindar mais amor.

E o moço, com raiva:
— Perder essa chance
De ser um herói!

Setembro de 1961

A

Formação das Tropas

del-Rei no

Tito Livio Ferreira

Brasil - Lusitano

OS PAULISTAS CONSERVAM-SE A SERVIÇO DEL-REI E DA PÁTRIA

No alçar do século passado os homens de São Paulo, fiéis e leais vassallos del-rei mantinham-se fiéis a seu destino histórico. Haviam integrado cerca de seis milhões de quilômetros quadrados ao atual território nacional; haviam devassado e povoado o sertão cruço das solidões largadas nos rincões abertos ao norte, nordeste, centro sul e oeste; defendem com a sua vida as fronteiras do Estado do Brasil, guardando-as, garantindo-as, solidificando-as.

Por isso em carta de 1.º de dezembro de 1801, o governador de São Paulo afirmava ao Príncipe-Regente D. João: «Os Paulistas de hoje ainda conservam aquêle mesmo interesse, ardor e zêlo pelo Serviço do Soberano, e pelo bem da sua Pátria, que tanto caracterizou e distinguiu os seus Maiores». (Cf. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. T-esp.X-p. 412.1958).

Esse alto conceito mantido pelos paulistas fôra reafirmado na representação dos capitães-môres da

cidade de São Paulo e vilas da Capitania à rainha D. Maria I, de São Paulo, 26 de setembro de 1798, onde alegam que os monarcas anteriores concederam às Ordenanças e Auxiliares da tropa desta capitania, os mesmos fôros, franquias e privilégios da tropa paga, conforme se poderá ver pelas cartas régias de D. Pedro II, dirigidas ao governador da capitania do Rio de Janeiro Artur de Sá e Menezes, de 11 de setembro de 1697, 6 de outubro de 1698, alvará de 24 de novembro de 1645, por carta-régia de D. José I de 22 de março de 1736 para o governador D. Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão, Morgado de Mateus. Mas como os requerentes se acham privados dessas regalias, em plano inferior aos Auxiliares da Capitania, pedem a D. Maria I lizes torne a conceder os ditos privilégios do mesmo modo que concede aos mestres de campo e coronéis dos terços auxiliares. Assinam esta representação os paulistas capitães-môres: Joaquim José dos Santos, de São Paulo; Vicente da Costa Ta-

ques Góis e Aranha de Itu; José Gomes de Sequeira e Mota, da vila de Cunha; Bento Tormás. Vianade São Vicente; João Mariano Franco, de Moji das Cruzes; João Francisco de Abreu Gonçalves, de Taubaté; Miguel Martins de Sequeira, de Jacaré; José Gomes de Gouveia e Silva, de São Luiz de Paraitinga e Inácio Marcondes do Amaral, de Pindamonhangaba. (Cf. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. T-esp. X. 3.569-p.36. 1958). E nessa altura em tôdas as cidades e vilas de São Paulo havia o alistamento permanente de todos os habitantes da Capitania, nos termos da Carta-régia de 22 de março de 1776. Tôda a oficialidade era paulista e paulistas compunham os Regimentos da Legião de Voluntários Reais, dos «Úteis», dos Pardos, dos Granadeiros, dos Fuzileiros, dos Bombeiros, dos Sertanejos de Itu, denominação de milicianos formada em 1798, inclusive os Regimentos de Milícias de Infantaria e Cavalaria. E todos se orgulhavam de serem «Fiéis Vassallos Paulistas» de sua majestade.

Por isso mesmo em carta do Palácio de Queluz, 17 de julho de 1800, o Príncipe-regente D. João, nas instruções ao governador de São Paulo, «recomenda também o estabelecimento de um sólido sistema defensivo, uma boa organização e disciplina dos corpos do Exército encarregados da defesa do Estado do Brasil, e a criação de uma Junta Militar onde se discutissem os planos de defesa da capitania, (cujas fronteiras estavam no rio Paraguai até o estuário do Prata), a neces-

sidade da criação de novas fortalezas, a demolição das que causarem despesas inúteis. (Cf. Rev. cit. 3. 824.p.250).

O paulista Manoel Méxia Leite foi sargento-mor, tenente-coronel, coronel, brigadeiro do Regimento de Infantaria da cidade de São Paulo, do Regimento de Infantaria de sertanejos da capitania de São Paulo, comandante dos Regimentos de Infantaria de Santos e de São Paulo. Martim Francisco Ribeiro de Andrada e Silva foi sargento-mor de milícias, com ordenado de 800\$000 anuais e mais 200\$000 de ajuda de custo. (Cf. Alberto de Sousa. «Os Andradas» .vol.1-530.). E teve o posto de coronel nas Milícias.

A nominata dos Paulistas dedicados, com o mesmo interesse, ardor e zelo ao serviço do seu Soberano e ao bem de sua Pátria, caracterizado no espírito de vassalagem dos seus Maiores, estende-se, amplia-se, alarga-se nas páginas de Pedro Taques de Leme, de Mestre Afonso de Taunay, o dos treze volumes especiais da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde se espelham os esforços, a dedicação e o desejo de bem servir os estudiosos da História do Brasil, que é a História de Portugal, de 1500 a 1822, manifestados no Embaixador José Carlos de Macedo Soares, Dr. Alberto Iria e Dr. José Pedro Leite Cordeiro.

Ass'm, em outubro de 1807, os Regimentos Milicianos da Capitania de São Paulo por decreto do príncipe-regente D. João recebem designação de Tropa de Linha da Capitania de São Paulo. (Cf. Rev. cit. T-esp, XIII. 4. 818.p.205) No ano

seguinte, 1808, opera-se a mudança da Capital da Monarquia Portuguêsa de Lisboa para o Rio de Janeiro, assim como no ano de 1960 transferiu-se a Capital da República Brasileira do Rio de Janeiro para Brasília. Organiza-se a «Legião Paulista» com as Milícias de São Paulo. Recebe o nome de «Tropas Ligeiras de São Paulo. Partem para o Rio Grande do Sul, pela terceira vez, afim de defenderem as fronteiras gaúchas. Mesmo unida a tropas irmãs, vindas de Portugal, a «Legião de São Paulo», sob o comando imediato do Paulista Coronel Lázaro José Gonçalves, teve papel preponderante na fronteira do Rio Pardo, onde já combatera em 1754. Em 1816, êsses bravos formados na rude escola da guerra, durante mais de cento e cinquenta annos de serviços a el rei, no Estado do Brasil, já no Peão do Brasil continuam a servir o seu Soberano. E a «Legião de São Paulo» cobre-se de glória nos combates sulinos, «onde sustentou com honra as tradições de bravura do povo paulista», assinala o Coronel Pedro Dias de Campos, (Cf. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. in — «Espírito Militar Paulista». vol. 22. p. 169)

Em 1817 o governador da provincia de São Paulo, conde da Palma, organiza dous corpos de cavalaria miliciana, com quatro esquadões e efetivo de cincoentas praças. Marcham de novo, para a fronteira do Uruguai então Provincia Cisplatina integrada em território brasileiro. De Santos seguem para Santa Catarina dois batalhões

de Caçadores Paulistas; e de Curitiba seguem para o campo da luta novos contingentes paulistas, porque o Paraná então era território paulista.

«Enquanto as falanges paulistas conquistavam nas campanhas do sul, louros para a corça portuguêsã e punham uma intrasponível barreira ao avanço inimigo, em São Paulo tomavam-se medidas afim de evitar uma possível agressão pelo litoral», escreve o Coronel Pedro Dias de Campos. E todo o litoral paulista até o Rio Grande do Sul foi guardado e defendido pelas tropas das centenárias Milicias Paulistas.

Estamos nos começos de 1822. O Príncipe-regente D. Pedro I, solicita socórros ao govêrno de São Paulo. Forma-se a «Legião dos Leais Paulistanos», com 1.100 homens de 1a. e 2a. linhas das Milicias Paulistas. Seu comandante é o Coronel Lázaro José Gonçalves. Permanecem no Rio de Janeiro à disposição do Príncipe regente. Não falhou a valiosa atracção de São Paulo no restabelecimento da ordem». Sempre fiel à sua tradição, nunca desmentida, de lealdade aos govêrnos legalmente constituidos, enviou São Paulo, sem demora, uma magnífica brigada composta de infantaria e cavalaria. Como sempre, estavam os paulistas preparados para atender aos reclamos da Pátria, onde quer que, êles se fizessem sentir»; observa com muita justeza o Coronel Pedro Dias de Campos. (Cf. Rev. do Inst. Hist. Geg. de São Paulo, citada.)

Feita a separação do Reino do Brasil de Reino de Portugal as

tradicionais Milícias Paulistas, com cerca de cento e trinta anos de existência vivida no campo da luta, coberta de serviços prestados ao Rei de Portugal, no Estado do Brasil e no Reino do Brasil, êsses valorosos soldados del-rei, distribuídos nos regimentos de husardos, os fuzileiros, os granadeiros e sertanejos, são dissolvidos por ordem do governo. E vão engrossar as fileiras as tropas paulistas nas guerras sulinas.

As Ordenanças de São Paulo também são dissolvidas em 1831. A lei imperial de 10 de outubro de 1831 autoriza os governos provinciais a formação de guardas policiais a pé e a cavalo. Em São Paulo, o brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar cria o Corpo Municipal Permanente, cujo nome conserva até 1840. Na realidade, o governador da província, recriava o que estava criado, porque, observa o Coronel Pedro Dias de Campos, o "espírito militar continuava vivo na alma do povo. O gosto pela farda não desaparecera», nem podia desaparecer através do tempo. A chama acesa no fim do século XVII havia de continuar viva e brilhante na lenta sucessão dos dias e dos anos. E desse modesto núcleo inicial ressurgia, como a Fênix de suas próprias cinzas, a Fôrça Pública de São Paulo, pelo decreto provincial de 15 de dezembro de 1831.

Alçava-se o século vinte. A bicentenária Fôrça Pública de São Paulo desfila, ativa e disciplinada, pelas ruas da Capital. Nas festas cívicas, o governo assistia-lhe as manobras no antigo Jôquei Clube, na rua Bresser. «Era um cenário empolgante, pleno de emoções e en-

tusiasmos. A tropa, em uniforme preto, de gala, correamente reluzente, baioneta calada, lâminas brilhantes rutilando ao sol, evoluía em movimentos rápidos, rítmicos, perfeitos. Desfilava em seguida ao compasso marcial de dobrados imponentes pela banda completa, executados, sob a regência do maestro Antão Fernandes. Rompia a marcha o comandante geral, com o seu vistoso estado maior cujas magníficas montadas, ajaezadas a gôsto, concorriam sem dúvida para os vivos aplausos da assistência eletrizada. Seguia-se-lhe a infantaria em coluna de seccões, as formações mistas e por último a cavalaria que sempre despertava maior interesse pela pompa excepcional própria dessa tradicional arma de guerra e de parada», escreve o Coronel Luiz Tenório de Brito, em sua obra «Memórias de um Ajudantes de Ordens». (122)

Nessas paradas cívicas, empolgantes, movimentadas, marciais e coloridas, a Fôrça Pública de São Paulo ostentava, com orgulho e glória, os seus duzentos anos de serviços prestados à Monarquia Portuguesa à Monarquia Brasileira e à República. E os soldados do Rei, depois do Império e hoje soldados da República, são os mesmos servidores da Ordem e da Legalidade, da Pátria e do Povo, fiéis e leais ao princípio sintetizado pelo poeta e soldado Luiz de Camões:

«A disciplina militar prestante,
Não se aprende, Senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando».

Aqui se transcreve publicação de um órgão da imprensa brasileira

PREVENÇÃO AO CRIME

Os últimos episódios de nossa crônica policial vêm demonstrar, cabalmente, o quanto tínhamos razão ao apontar a necessidade de uma extensa reformulação do problema policial de São Paulo, por meio de reforma de base que nos permitisse criar um organismo eficiente, destinado a enfrentar uma criminalidade de maior teor técnico que, necessariamente, viria com o progresso.

Os malogros no descobrimento de alguns crimes, praticados com um mínimo de requinte, evidenciam que não podemos temporizar na adoção de medidas mais eficazes no sentido de obter a reestruturação da polícia segundo princípios mais racionais.

A polícia, no combate à criminalidade, deve agir com maior extensão, no setor da prevenção. Os delinquentes habituais acabam caindo nas malhas da organização policial, porque o êxito os vai tornando imprudentes e, cometido um descuido, podem ver-se nas mãos dos agentes policiais. Mas semelhante raciocínio não pode satisfazer à população, que necessita de um mínimo de tranqüilidade para o trabalho quotidiano, e êste mínimo só pode ser concedido pela polícia preventiva atuante.

A Secretaria da Segurança, com os meios de que dispõe, tudo tem feito para melhorar o policiamento na Capital, descentralizando-o. Mas luta com falta de homens e com a dispersão de comandos decorrente da existência de várias corporações policiais com uma quase autonomia de direção, circunstância que impede qualquer mobilização útil de esforços tendentes à obtenção de um objetivo qualquer.

Consoante já temos afirmado, é mister que se faça em São Paulo, com cobertura total de sua área, um policiamento ostensivo, com o patrulhamento, nas vinte e quatro horas do dia, de suas diversas ruas e logradouros públicos. O policiamento eficiente — é a experiência que o evidencia — é o policiamen-

to a pé, dentro de uma área circunscrita, a ser feito sempre pelo mesmo policial, num determinado período do dia. Nessas condições, o policial passa a conhecer os moradores do local, aquêles que o freqüentam, de sorte a colocar-se alerta diante de um desconhecido que surja. Na Inglaterra, a tradicional figura do "Bob", com o seu capacete alto, sempre prestativo, é bem o paradigma do policial eficiente, que é eficiente porque sabe o que está fazendo, e a sua presença é, por vêzes, bastante para afastar tantos quantos se aproximem do setor a seu cargo com intenções menos honestas.

Esse policiamento a pé seria completado pelas rondas da rádiopatrulha, e por patrulheiros em bicicletas ou a cavalo, nos bairros menos densamente populosos.

O delinqüente em potência, sabendo que existe policiamento, e que a qualquer momento poderá ser interrompido na sua atividade ilícita por um fiscal da lei, poderá em muitos casos desistir de prosseguir no *intercriminis* maginado, pois o refrão popular de que "a ocasião faz o ladrão" contém verdade que a realidade confirma.

E se em São Paulo inexistente polícia preventiva na verdadeira acepção do termo, a polícia científica é também uma utopia. E' certo que tôdas as policias do mundo inteiro contam no seu passivo casos que não puderam ser deslindados ou que somente o foram quando o agente já se encontrava a salvo. Mas em nossa cidade avolumam-se os crimes insolúveis, num convite auspicioso à criminalidade. Ora, a polícia é ainda preventiva — êsse o seu grande papel — ainda quando sai no êncalço dos criminosos, pelo exemplo que decorre do facto de que ao crime sobrevém o castigo. Não obstante os esforços dos atuais componentes da polícia civil do Estado, com a organização existente e com os meios de que dispõe, não poderemos contar com um serviço aceitável no que respeita ao papel policial de garantir a tranqüilidade de espírito imprescindível ao trabalho.

Acresce que a Justiça Criminal também tem sua parcela de responsabilidade nesse estado de coisas. De um lado, porque contamos com códigos penal e processual já obsoletos na sua maior parte; de outro, porque a organização judiciária existente não permite uma dinamização dos trabalhos, em prol de uma justiça mais realista, pela qual o delinqüente seja efetivamente punido.

E, finalmente, o processo de recuperação do delinqüente pelo tratamento penitenciário deixa, ainda, embora já tenhamos caminhado bastante nesse setôr, muito a desejar, havendo uma taxa de reincidência que estigmatiza o regime.

Como se vê, se o "assaltante mascarado" não é preso; se crimes ficam insolúveis, culpa não pode ser atribuída, especificamente, à polícia, mas a todo o sistema preventivo-repressivo, que se deixou atrasar na senda do progresso, com os maiores inconvenientes para o bem estar social.

1-0-7 ATENDENDO

— R.P. —um — zero — sete! Contrôle chamando!!!

A voz estridente, saindo do alto-falante do receptor, produz um estado de tensão no sgt. José, encarregado da viatura.

Estava êle absorto, contemplativo, prêso de seus próprios pensamentos. Lembrava-se de sua filhinha, ainda não de todo refeita do sarampo. Aproximando-se o Natal, queria presentear-lá com uma linda boneca. Pensava, também no pedido de empréstimo que fizera à Caixa Beneficente para adquirir sua casa própria, velho sonho do casal.

O chamado repentino como que o trouxe à realidade do momento. Seus problemas, aspirações e conflitos pessoais dissiparam-se de pronto, como a neblina das frias madrugadas.

Não é mais José, o pai extremoso, que se movimenta; resolutamente, toma o microfone de seu transmissor; é apenas um policial entre centenas de outros companheiros de farda que naquêlo mesmo instante guarnecem dezenas de outras viaturas. Aperta a tecla e responde:

— Um—zero—sete, atendendo!

Os segundos que decorrem entre o atendimento e a nova transmissão do controle são de expectativa intensa, de ansiedade, de dúvida. Às vezes parecem horas...

Qual seria a ordem? Seria um caso simples de algum pobre diabo indigente? Ou seria uma parturiente necessitando de socorro imediato (José já tem relativa prática).. Tratar-se-ia de assaltantes perigosos pondo em risco a vida e a propriedade alheias?

Qualquer que seja a missão recebida, será ela cumprida à risca com espirito de renúncia, de amor ao próximo e de coragem!

— Um—zero—sete, talão 51. Dirija-se à Avenida dos Coqueiros n. 64. Trata-se de ladrões arrombadores surpreendidos pelos moradores no interior da residência! Estão armados e são perigosos! Zero hora e quarenta minutos.

A medida que preenche seu talão de ocorrências, mecânicamente, responde:

— Um—zero—sete informa: ocorrência anotada!

Para o sargento José pouco importa sejam perigosos os assaltantes. Recebeu uma ordem e ela será cumprida a qualquer custo. Sabe perfeitamente.

que poderá perder a vida na escaramuça, mas, êsse risco é rotina na sua agitada profissão. A seguir ordena a partida. O motor da pequena Volkswagen arranca violentamente. A sirene é ligada e num zigue-zague estonteante, os representantes da ordem e da lei cortam as ruas numa corrida doida contra o crime!

Durante o trajeto, o graduado faz seus planos. Muito embora já tenha resolvido uma infinidade de casos semelhantes, deve estar preparado mental e psicologicamente para enfrentar a situação com um máximo de segurança e um mínimo de risco. Além de sua segurança própria êle deve proteger a vida de seus companheiros. Depois de alguns minutos chegam; os civis ao vislumbrarem o pequeno carro preto e branco respiram aliviados e adquirem a certeza de que dentro em pouco tudo estará resolvido; por suas mentes nem passa a possibilidade de algum daquêles heróis anônimos vir a ser vitimado no cumprimento daquela missão. Estão certos que, de qualquer modo, a solução do problema é dos policiais. Bem, pensam êles, para isso são pagos...

Rapidamente o sargento inteira-se da situação. É informado pelos moradores que no interior da casa homiziaram-se dois ou três marginais, surpreendidos que foram no momento em que tentavam abandonar o local. Impossibilitados de fugir, fizeram vários disparos de arma de fogo com a finalidade de amedrontar os presentes.

O graduado manda que um de seus auxiliares guarneça a saída dos fundos. O outro soldado entrará com êle. Nesses momentos, o chefe deve dar o exemplo: êle avança na frente e sentir-se-ia desonrado se ficasse apenas dando ordens em local bem seguro. Antes de entrar, intima os assaltantes a se renderem o que, naturalmente, nenhum resultado dará. O momento é crítico. Talvez fosse prudente e de boa técnica solicitar reforços, mas isso somente será feito em desespero de causa. É ponto de honra para todos os patrulheiros resolverem tôdas as ocorrências sem auxilio! Por segurança, sacam suas armas, porém, elas somente serão usadas em legítima defesa própria! De qualquer modo, as vidas dos assaltantes também são preciosas e, como o maior bem humano, devem ser protegidas!

Cautelosamente, aproximam-se da entrada principal. A escuridão é total e, assim às apalpadelas se introduzem na sala principal. É lógico que os criminosos podem observá-los muito mais à vontade e alvejá-los à queima-roupa. Entretanto, continuam a avançar. Não pensam no perigo! Naquele momento, suas vidas, suas famílias pouco importam. Nem mesmo lhes ocorre que a qualquer instante podem deixar de existir... Somente pensam no dever a ser cumprido. No juramento feito. Entram pela sala. Tateando, descobrem o interruptor e, de pronto, faz-se claridade. Tudo na mais completa desordem; moveis quebrados, gavetas reviradas, televisor inutilizado. Parece que um tufão atingiu o local. É desolador... Observam, cautelosamente, todos os locais que possam servir de esconderijo. Nada! Dirigem-se, agora, para o dormitório contíguo. Decididamente, abrem um guarda-roupa e deparam com um dos marginais, apavorado. Prendem-no e conduzem-no à viatura. Não sentem por êle nada mais que pie-

dade, pois, ainda é um menino; dezoito anos, no máximo. Continuam a busca. Vasculham totalmente a casa porém nada mais encontram. Para uma pessoa menos esclarecida a missão terminaria naquêlo ponto, porém, o graduado sabe que a parte mais difícil ainda está por se fazer: o fôrro da casa, esconderijo preferido pela maioria dos arrombadores.

Coloca uma escada no alçapão e sobe. Não entra, de imediato. Põe seu quepi na ponta do bastão e, vagarosamente, fá-lo subir. Alguns momentos, apenas, são suficientes para ouvir um disparo sêco de arma de fogo. Seu quepi despenca, perfurado pelo projétil. O estratagema salvara-lhe a vida. É bem provável que, antes dêle, algum companheiro tivesse pago com a vida pela imprudência...

Redobrando os cuidados, José pensa na solução mais eficiente e rápida. Não poderia entrar de imediato, pois, seria abatido prontamente. Aquêlo alçapão negro, no momento, parecia-lhe a porta de uma necrópole. Se não usasse a cabeça, talvez no dia seguinte estivesse recebendo as honras militares póstumas a que teria direito. Sua indecisão dura segundos. Reage prontamente. No interior de sua viatura existe uma granada de gás lacrimogênio. O apêtrêcho sempre dera excelentes resultados. Manda buscá-la e logo em seguida, ao puxar o grampo do detonador faz uma prece muito sincera para que a bomba não falhe. Ouve a pequena explosão do petardo. Sente que o gás começa a surtir seus efeitos. Espera alguns momentos e um rosto lombrosiano surge no beiral, mãos erguidas, completamente entregue. O restante é mera rotina...

Com a consciência tranquila pelo devêr cumprido, apresentam-se para conduzir os meliantes ao plantão policial.

— Um—zero—sete, contrôle chama!!!

— Fala, um—zero—sete.

E, num linguajar simples, sem alardes, responde:

— Um—zero—sete informa haver detido dois assaltantes no interior da residência referente ao talão 51. Comunica que vai deslocar-se para o plantão da zona norte.

— Entendido, um—zero—sete. Anote outra ocorrência. Talão 60. Trata-se de desordem no largo das Carabinas. Uma hora e vinte minutos.

Os patrulheiros da Fôrça constituem o 12.º Batalhão Policial, mais conhecido como Batalhão de Rádio Patrulha. Localizado à rua Vergueiro é uma escola de dedicação, de civismo e de coragem. Seus soldados, diariamente, recebem instrução policial, de pronto-socôrro, (inclusive de partos), de assuntos legais, de educação moral, social e cívica. Igualmente, o judô e prática de tiro rápido fazem parte dos trabalhos de instrução, pois, o policial deve saber proteger e proteger-se.

Continuamente são observados por oficiais competentes, inclusive em ação. Aquêles que não demonstram aptidão, coragem, respeito à dignidade humana,

iniciativa e acatamento às leis, são afastados sumariamente. Devem lembrar-se, sempre, que um bom patrulheiro da Fôrça Pública deve ser ao mesmo tempo diplomata e bom atirador; ama-sêca e juiz; biblioteca ambulante e médico; conselheiro e bom corredor.

O Batalhão de Rádio Patrulha vive as melhores tradições de desprendimento, dedicação e bravura da tropa de Piratininga! Sua guerra não tem término e nem trincheiras. Seu inimigo é todo aquê que viola a ordem publica.

Podê estar certo o povo de São Paulo que a sua Fôrça Pública, através de seus elementos de policiamento e proteção vela diuturnamente por todos.

Os filósofos católicos da idade média urdiram uma bem elaborada teoria, com o objetivo de gular o cristão em assuntos de produção e comércio. Essa teoria fundava-se na premissa de que o negócio com viso no lucro é essencialmente imoral; era pecaminosa a cobrança de juros por empréstimos; esta era puro roubo, uma vez que privava a outra parte de ganhos que lhe pertenciam legitimamente; era contrário à natureza, pois capacitava o homem que emprestava dinheiro a viver sem trabalhar. À época da Renascença, contudo, apareceu um capitalismo implacável, dinâmico, baseado no princípio de que o maior devora o menor, e suplantou a antiga economia estática das corporações medievais.

A Renascença foi em grande parte uma revolta contra a repressão do individuo, contra a humanidade e a modéstia exigidas pela doutrina cristã. Os homens não mais consideravam inconveniente vangloriar-se de seus feitos; o desejo de auto afirmação exprime-se também na maneira de vestir-se; a Renascença foi uma época de incomparável expendor nos adornos pessoais; os homens vestindo-se de veludo e rendas, porfiavam em obter efeitos, mais surpreendentes de cores, e variedades; cada florentino ditava sua própria moda; não é preciso afirmar nada a respeito das mulheres. Nas festas italianas até as mulas eram perfumadas.

O filosofo político Spenser tinha tal aversão ao estado, que preferia entregar pessoalmente os originais de suas obras aos editores, a confiá-los a um agente da tirania como os correios.

O assunto é de Bombeiros

AMIANTO EM VIRACÓPOS

Próximo a São Paulo, no município de Campinas localiza-se o aeroporto de Viracopos, chamado de internacional, porque foi construído de maneira a comportar com grande segurança as operações de aeronaves, mesmo das maiores agora utilizadas pelas cias. de transportes aéreos, nas suas rotas de grande percurso.

A F P mantém nele um destacamento de bombeiros; em dias de março foram programados exercícios com os recrutas; exercícios esses que foram franqueados à imprensa; seus representantes impressionaram-se de tal maneira com as ações dos homens do fogo, que deram apreciável destaque às suas observações.

Tomaram parte nesses exercícios 36 recrutas sob o cmdo. dos tens Dória e Mezika; utilizaram-se entre outros materias das roupas de amianto com canalização e circulação de água, que a esguicham enquanto os homens se locomovem por entre as chamas.

PÔSTO DE BOMBEIROS DO IPIRANGA

Segundo o projeto da secção de engenharia da F P, já foram iniciadas as obras de ampliação das instalações que abrigam o Pôsto de Bombeiros do Ipiranga; aquelas instalações, embora tenham sido cons-

truidas recentemente, muito depressa deixaram de comportar os materiais que se fazia necessário fossem destacados para aquêlo bairro. Assim sendo, o Plano de Ação do Governo destinou verbas para essa ampliação.

Os novos edificios incorporam detalhes da maior funcionalidade e devem estar prontos ainda no corrente ano.

Esse pôsto, com os novos materiais que lhe serão destinados, adquirirá autonomia para os trabalhos de segurança contra incêndios na zona sudoeste da Capital, onde se localiza a maior parte do parque industrial de São Paulo, pois em sua zona ficam os estabelecimentos industriais localizados ao longo da Via Anchieta e dos trilhos da Estrada de Ferro Santos a Jundiá.

ANIVERSÁRIO DO CB

A 10 de março o Corpo de Bombeiros completou seu 82.º ano de atividades.

Criado a 10 de março de 1880, compunha-se apenas de 20 praças sob o cmdo. do Alferes José Severino Dias.

Suas bombas eram a vapor e seus carros pipas tirados por burros; hoje conta com mil homens e seus equipamentos são dos mais modernos.

Em 1961 acudiu a 1.526 incêndios; realizou 1.532 operações de salvamento; os serviços de prevenção, como vistorias especiais e normais, assinalação de plantas, e serviços de teatro comportaram 3.337 trabalhos; serviços extraordinários, como fornecimentos de iluminação, escadas, água, etc. somaram 534.

Como parte das solenidades programadas para as comemorações, destacou-se a entrega de medalhas de «valor militar» ao 1.º ten Moacyr Teixeira da Silva Braga, Walter Carlson, 1.º sgt Cícero Bento e Henrique Pereira de Araújo.

DISTRIBUIÇÕES DOS EFETIVOS DO C DE BOMBEIROS NA CAPITAL

Atualmente a Capital de São Paulo está subdividida em três zonas. A primeira ou zona Central está situada na Praça Clóvis Beviláqua; a segunda no bairro dos Campos Elíseos e a terceira em Vila Prudente.

No bairro do Cambuci há uma cia auxiliar, equipada com moderno material.

Há ainda dez postos de bombeiros circunscricionais nos bairros de Santo Amaro, Pinheiros, Congonhas (aéropuerto), Lapa, Bairro do Limão, Ipiranga, Tatuapé, Santana, Via Carrão e Santo André.

ACÓRDO COM OS MUNICÍPIOS

Conforme havíamos prometido, transcrevemos agora a

LEI N.º 6.235 DE 28 DE AGOSTO DE 1961

Dispõe sobre autorização, ao Poder Executivo, para firmar acórdos, com os Municípios, para execução, pela Fôrça Pública, dos serviços locais de extinção de incêndios e de salvamentos e dá outras providências.

Artigo 1.º — Fica o Poder Executivo autorizado a firmar acórdos com os municípios que o desejarem para a execução, por parte da F P do Estado, do serviço de extinção de incêndios e salvamentos.

§ 1.º — No município da Capital, a execução desse serviço se fará pelo atual Corpo de Bombeiros.

§ 2.º — Nos demais municípios, cuja importância e localização o exigirem, poderão ser criadas Companhias Independentes de Bombeiros (C I B) sempre integrantes da F P, por proposta do Cmdo Geral, de acórdo com plano elaborado pela Diretoria de Incêndios e Salvamentos.

§ 3.º — Não se justificando a criação de C I B, prevista no § 2.º o serviço poderá ser executado por Destacamentos de Bombeiros.

§ 4.º — Na hipótese, ainda de não se justificar a criação de D B poderá ser organizado, de acôrdo com o plano a ser elaborado pelo órgão técnico da F P, um sistema misto, constituído de pequeno núcleo de bombeiros profissionais, completado por bombeiros auxiliares.

§ 5.º — Os municípios, em quaisquer dos casos previstos nos parágrafos anteriores, comprometer-se-ão a formar bombeiros auxiliares recrutados entre funcionários municipais, operários das indústrias e cidadãos em geral, em número suficiente para assegurar a manutenção de uma reserva de pessoal, capaz de cooperar com os bombeiros profissionais no atendimento de ocorrências de maior vulto.

Artigo 2.º — O C B da Capital será remodelado e redistribuído em Distritos e Postos, de acôrdo com as necessidades, tendo em vista o plano elaborado pelo órgão técnico da F P, que deverá mantê-lo sempre atualizado.

Artigo 3.º — O C E, as C I B e os D B, ficarão subordinados ao Cmdo Geral da F P, e as unidades que forem criadas nos termos da presente lei, somente serão instaladas após cumpridas as obrigações iniciais atribuídas aos municípios.

Artigo 4.º — Sem prejuízo dos serviços de extinção de incêndios e salvamentos, incumbirá, ainda, ao C E, C I B e D B a juízo do Cmdo Geral da F P, colaborar no policiamento, em situações de anormalidade, mediante emprêgo do material próprio de extinção de incêndio.

Artigo 5.º — São normas gerais básicas dos acôrdos previstos por esta lei:

I — O treinamento e a instrução técnica dos elementos integrantes da equipe de bombeiros profissionais, auxiliares e voluntários e a orientação técnica das medidas de prevenção contra incêndios correção por conta da F P.

II — O Estado não se obrigará, em virtude do acôrdo, a custear despesas a não ser as que decorram do seguinte:

1. Gerais: a) formação de bombeiros; b) orientação técnica permanente visando o bom funcionamento e eficiência do serviço;

2. Relativas aos Bombeiros Profissionais: a) fornecimento de uniformes; b) vencimentos e os serviços atinentes a fundos e contabilidade; c) serviços de assistência social e médico-hospitalar; d) encargos resultantes da inatividade do pessoal; e) aquisição do material de expediente; f) transporte e demais vantagens pessoais asseguradas aos componentes da Força Pública.

III — Correrão por conta do município tódas as demais despesas e especialmente:

a) a aquisição e substituição do material especializado e de consumo, inclusive automóvel, e de comunicações;

b) a aquisição de material especial de consumo (gasolina, óleos, graxas, etc.) e material congêneres necessário ao serviço e à manutenção; e materiais congêneres necessário ao serviço e à manutenção;

c) a construção ou adaptação de novos quartéis, destinados às cias e aos D B e Postos de Bombeiros de acôrdo com as necessidades do serviço que obedecerão a projetos aprovados pelo órgão técnico da F P, bem como o pagamento de alugueis dos imóveis que se tornarem necessário, mesmo em se tratando de próprios do Estado;

d) a aquisição e conservação do material de alojamento, escritório, limpeza e higiene;

e) a alimentação dos elementos escalados de prontidão;

f) a manutenção do material automóvel e especializado;

g) a instalação de válvulas de incêndios de acôrdo com o plano elaborado pela Prefeitura em colaboração com o órgão técnico da F P,

Artigo 6.º — O material a ser adquirido, de acôrdo com o previsto na letra «a» do item III do artigo anterior, pelos municípios, deverá obedecer às especificações baixadas pelo órgão técnico da F P.

Artigo 7.º — Os municípios, a fim de assegurar a perfeita execução dos serviços de bombeiros, obrigar-se-ão a consignar, em orçamento, verbas adequadas ao seu custeio.

Artigo 8.º — O prazo de duração do acôrdo não será inferior a 10 (dez) anos, e sem superior a 30 (trinta).

Artigo 9.º — As despesas decorrentes da execução do disposto no item II do artigo 5.º correrão por conta das verbas próprias consignadas no orçamento da Fôrça Pública do Estado.

Artigo 10 — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Artigo 11 — Revogam-se as disposições em contrário.

BOMBEIROS DE PRESIDENTE PRUDENTE

Nos têmmos da Lei 6235 de 28-8-961 foi assinado a 1.º de março convênio entre a Fôrça Pública e a Prefeitura de Presidente Prudente, município da Alta Sorocabana, para instalação de uma corporação de bombeiros naquela localidade.

Assinaram o documento o sr Luiz Ferraz Sampaio prefeito daquela cidade e o Secretário da Segurança Pública, Dr Vergílio Lopes da Silva, como representante do Governo do Estado.

Logo depois, no dia 10, dia em que o Corpo de Bombeiros Metropolitano comemorava o seu 82.º aniversário foram inauguradas as instalações de Presidente Prudente, a Av. Coronel Marcondes, solenidades essas que contaram com a presença do Cmt. geral da Fôrça, Cel Oldemar Ferreira Garcia.

Dispõe o destacamento de Presidente Prudente de duas viaturas apenas; um carro tanque e um carro de socorros gerais.

Cel. Arrisson de Souza Ferraz

Conferência em homenagem à Fôrça Pública, no 130.º aniversário de sua fundação, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, aos onze de dezembro de mil novecentos e sessenta e um — (Excerptos).

N. da R. A redação de Milítia não perfilha certos pontos de vista do autor, principalmente quando interpreta como de índole separatista fatos históricos registrados.

A Vocaçào Nacional da Fôrça Pública

É esta apenas uma palestra ligeira, subordinada ao título "A VOCAÇÃO NACIONAL DA FÔRÇA PÚBLICA".

Na história da Fôrça Pública de São Paulo, a tradicional corporação criada a 15 de dezembro de 1831, pelo grande brasileiro Rafael Tobias de Aguiar, "para manter a tranquilidade e auxiliar a justiça", avulta, com clareza meridiana, uma linha de conduta permanente, uma diretriz invariável.

Avulta, no passado da milícia, a constante de sua vocação nacional.

Criada por bandeirantes, para servir à terra bandeirante, a Fôrça Pública, como aquêles gigantes de botas de sete léguas, na epopéia da dilatação das fronteiras nacionais, deixou o território

paulista e levou a sua contribuição à ordem, à lei e à defesa das instituições brasileiras, em pontos diversos do solo pátrio, em oportunidades várias.

Os indômitos gaúchos, liderados por Bento Manuel, Bento Gonçalves, Onofre, Pires, Corte Real, Davi Canabarro, rebelam-se contra o governo regencial. Tomam Pôrto Alegre e estendem seu domínio sôbre quase todo o Rio Grande. Vitoriosos nesses primeiros choques, proclamam a República Sulriograndense, na Piratini, aos seis dias do mês de novembro de 1836. Animados com tais sucessos, resolvem levar a revolução a outras províncias. Organizam para tal fim duas colunas, às ordens de Garibaldi e Davi Canabarro, e com essas fôrças invadem Santa Ca-

tarina. Dominam, sem maiores dificuldades, a vila de Lages. Imediatamente, apoderam-se de Laguna. Nova república — a República Catarinense — sediada em Laguna — com a denominação de Juliana, surge das armas triunfantes da revolução sulina.

Contava a Força Pública, naquela época Guarda Municipal Permanente com pouco mais de sete lustros de existência. Seus efetivos não alcançavam duas centenas de combatentes. Mas, a unidade nacional estava em perigo. Bento Gonçalves já havia lançado o seu manifesto aos povos do continente, dizendo-se uma voz que falava para o mundo, na ânsia de ser ouvida. Ante tais prenúncios de secessão, S. Paulo tomou a decisão que se impunha. No dia 19 de abril de 1938, seguem para o sul, agregados ao 6.º Batalhão de Caçadores de Linha, a fim de dar combate aos rebeldes, cinquenta, e quatro permanentes, comandados pelo 2.º tenente Manuel Vital Gonçalves. Esse pequeno contingente de soldados paulistas, depois de desembarcar em Paranaguá, foi dividido, passando a operar em duas colunas, sob a direção do brigadeiro Francisco Xavier da Cunha e do major João Feliciano, respectivamente. Uma dessas colunas invade Santa Catarina e retorna a Vila de Lages. Era o primeiro serviço de guerra da milícia bandeirante.

As bandeiras paulistas que rumaram para o sul, nos primeiros quartéis do século XIX, realizaram notável obra de colonização, nos campos de Curitiba, Guarapuava, Palmas e São João, no território paranaense. Não se tratava mais das entradas belicosas dos ciclos da caça ao índio e da descoberta de ouro e esmeraldas. Eram expedições destinadas a implantar a civili-

zação, por meios humanos e pacíficos em regiões não conquistadas pelo homem.

Esta obra, auspiciosamente iniciada, sofrera um eclipse. Estava totalmente paralisada. Para revivê-la, o governo de São Paulo convoca os seus permanentes. Autorizado por uma lei da Assembléia Provincial, despacha para aquela região, em novembro de 1839, um destacamento de cinquenta e dois homens, sob a direção do cap. Hermógenes Lobo Ferreira, figura extraordinária que enfeixava na sua individualidade marcante a trilogia do soldado, do sertanista e do missionário. O destacamento dos campos de Palmas, que constituía, como todo o Paraná, a comarca de São Paulo, cresceu em efetivos, tornando-se, mais tarde, uma companhia independente.

Levando a missão de desenvolver a produção e o comércio e criar uma colônia pastoril, os sds. do cap. Hermógenes Lobo Ferreira vão além. Rasgam de picadas o quadrilátero formado por Palmas, São João, Guarapuava e Curitiba, transformam, aos poucos, esses trilhos em caminhos razoáveis e os ligam às modestas estradas que convergiam para o norte e para o sul. Protegem tais centros de comunicações dos aventureiros e malfeitores capturando muitos deles e afugentando os recalci-trantes.

Realizam geiras e fazem roçados, onde incrementam a agricultura. Desenvolvem a pesca nos lagamares e cursos d'água. Edificam colônias com habitações de taipa. Atraem e conquistam os selvagens. Fazem aliança com o cacique Vitorino Condá que passa a cooperar com os permanentes, com o posto de chefe dos índios de toda a região. Bati-

sam os pontos importantes, fazem levantamentos e confeccionam o primeiro mapa da região que enviam à S. Paulo.

Palmas era o centro daquele mundo que surgia, graças à dedicação, à fé e ao espirito de sacrificio de homens de boa vontade. Dali, o cap. Hermógenes Lobo Ferreira supervisionava e impulsionava o trabalho de sua equipe, que aumentava constantemente, com a redução de novas tribos. Em 1845, os permanentes recebem ordem de regresso. Estava cumprida uma das mais importantes jornadas do Bandeirismo. Palmas, àquelas alturas, já era uma pequena vila, prenúncio da florescente cidade paranaense de nossos dias. Nos seus arredores e nas vizinhanças de Curitiba e Guarapava, o cap. Hermógenes Ferreira e seus comandados deixaram instaladas quarenta e tantas fazendas de criar.

Oliveira Viana, em sua obra "Populações Meridionais do Brasil", faz um estudo da colonização bandeirante no vale do Iguazu e na região de Palmas. Enaltece o sociólogo patricio o trabalho inicial e diz que, com a segunda iniciativa, São Paulo realizou obra "silenciosa, tranquila, bela na sua marcha e nos seus efeitos".

Corria o ano de 1842. A formosa província de Minas, da não menos formosa oração de José Bonifácio, o moço, levanta-se, em Barbacena, contra o poder central. Aclamam o cel. José Feliciano Pinto Coelho da Cunha presidente da província e instalam em São João D'EL-Rei a sede do governo revolucionário. A Côrte determina o seguimento das tropas de linha de São Paulo para a região sublevada. A concentração se operou em Campinas, sob as ordens do ten. cel. Amorim Bezerra,

designado comandante da expedição. A esse official, o comandante da Guarda Municipal Permanente manda apresentar vinte e oito milicianos, como contribuição de Piratininga. Parte de Campinas a coluna Amorim Bezerra que invade Minas Gerais pelo município de Ouro Fino. Em marchas forçadas, atinge a cidade de Queluz, onde se incorpora às forças legais comandadas pelo conde de Caxias. Os milicianos de São Paulo bateram-se bravamente em vários combates e lutaram, com decisão e energia, no grande choque de Santa Luzia que impôs fragorosa derrota aos comandados de Teófilo Otoni e Coelho da Cunha, selando o fim da insurreição.

Restaurada a autoridade do poder central na terra montanhêsa, voltam os permanentes a São Paulo. Guardam os arquivos paulistas um officio do brigadeiro Tomás Henrique, apresentando-os à sua corporação. Naquela mensagem o illustre official geral "enaltecia a conduta do bravo contingente paulista na campanha de Minas Gerais".

Grupo pequeno, esse que tomou parte na camapnha da terra mineira, como pequeno foi o que seguiu para o sul, na Revolução dos Farrapos. O número pouco importa. Interessa, isto sim, a obra realizada em prol da ordem e da unidade nacional.

Mais longa é a empreitada seguinte. Longa, penosa e difficil. Não se superam, agora, apenas os limites entre províncias irmãs. Deixa-se o território nacional. Transpõem-se as fronteiras com outras nações. Pisam os soldados paulistas, pela primeira vez, o solo estrangeiro, para desagrarar a dignidade nacional ofendida por um caudilho ambicioso, ávido de poder, obe-

cecado pela hegemonia sulamericana. Os milicianos de São Paulo lutaram, naquela oportunidade, em dois teatros de guerra.

Em março de 1865, o Corpo Policial Permanente, com todo o seu efetivo de 265 homens, parte para Mato Grosso, via Campinas-Triângulo Mineiro, às ordens de seu próprio comandante, ten. cel. José Maria Gavião Peixoto. Ainda em território paulista, Gavião Peixoto adoece gravemente e passa o comando ao cap. João Antônio Garcez Palha. O destacamento paulista invadiu o Paraguai, integrando a coluna do cel. Carlos de Moraes Camisão. Fêz toda a memorável e épica "Retirada da Laguna" a extraordinária odisséia de abnegação e sacrifício que só encontra paralelo na "Retirada dos Dez Mil", na Ásia Menor, através das montanhas da Armênia, comandada e descrita pelo imortal Xenofonte, na "Anábase". Mereceram citação especial, por lances heróicos naquela jornada formidável, os oficiais paulistas: tens. Dionísio Pires da Mota, Adão da Cunha Knippel e Francisco A. Machado; alferes José Carlos de Oliva Maia, Henrique Afonso de Araújo Macedo e João Luis do Prado Mineiro. O alferes José Carlos de Oliva Maia foi, depois, transferido para o Exército Brasileiro, como prêmio à sua bravura, na campanha da Laguna. Terminou a carreira como tenente coronel. Foi o organizador do arquivo do Exército. O alferes João Luis do Prado Mineiro foi escolhido pelo major José Tomás Gonçalves, o último comandante da épica retirada, para companheiro do visconde de Taunay, no transporte dos arquivos da campanha. Os dois, tendo por escolta apenas três soldados, viveram juntos as

peripécias e sacrifícios de Aquidauana a São Paulo. Na paisagem e nos contactos daquele intenerário, colheu o visconde os quadros e os perfis que deram vida e relêvo ao seu romance "Inocência". Bem mais tarde, ao publicar as suas "Memórias", Taunay referia-se carinhosamente ao colega de campanha e ao companheiro no porte da preciosa documentação. Outra faceta interessante, revelou-nos a personalidade de Prado Mineiro. Nos entreveros, nos choques corpo a corpo, portava-se como um titã. Passada a tormenta, nos acampamentos, tomava da sua rabeca, que tocava magistralmente e, com músicas vibrantes, alegrava e infundia novo ânimo àquela tropa extenuada e minada pela epidemia. Era um herói romântico, misto de trovador e de caleiro medieval.

Com a partida do Corpo Policial Permanente para Mato Grosso, São Paulo teve necessidade de alistar novos soldados para o serviço de policiamento. Alistou-os, condicionalmente. Seriam dispensados, logo que os permanentes voltassem da campanha. Por essa circunstância formaram uma unidade especial, denominada Corpo Policial Provisório.

No teatro de guerra do sul as coisas não corriam bem para as armas brasileiras. Por essa razão, São Paulo oferece ao império os serviços do Corpo Policial Provisório. Imediatamente, fá-lo seguir para aquelas bandas, precisamente em abril de 1867, sob o comando do ten. cel. Antônio Fernandes Braga.

O Corpo Policial Provisório lutou até o fim da guerra, na Campanha das Cordilheiras. Mês, parece-me que não atuou como unidade autônoma. Seus

elementos foram distribuídos entre corpos de linha e de voluntários. Dessa tropa, merecem citação especial o ten. cel. Francisco Alves do Nascimento Pinto que viria, mais tarde, a comandar várias unidades da Fôrça Pública e a receber a alta dignidade de general honorário do Exército Brasileiro, por relevantes serviços de guerra. Também foi alvo de consagrada menção o ten. Henrique Afonso de Araújo Macedo; hábil no manejo das armas, como no das letras, foi consagrado intelectual. Ilustrou, como sócio, os quadros d'este venerável Instituto Histórico e Geográfico. O volume X da revista do sodalício contém um trabalho de sua autoria, notável pela forma e pela elevação, intitulado "O Meu Papel no Advento da República Brasileira". Terminada a guerra, ficou em Assunção, adido ao exército de ocupação. Serviu como ajudante de ordens do barão de Jaguarão e do general Mesquita, ambos comandantes das fôrças aliadas ocupantes da capital paraguaia. Voltou ao Brasil e à sua corporação, encerrando a carreira como comandante do Corpo Policial Permanente.

O Brasil já vivia a sua era republicana. Em fevereiro de 1893, os federalistas do Rio Grande do Sul levantam-se contra o governo de Júlio de Castilhos. Dominam o estado meridional, agrupam suas fôrças e empreendem marcha para o norte. Quase ao mesmo tempo, levanta-se, a esquadra, sob o comando do alm. Custódio José de Melo, e faz causa comum com os rebeldes. Floriano Peixoto faz angustioso apêlo a São Paulo. Atendendo-o, Bernardino de Campos mobiliza, sem demora, a Fôrça Pública. Guarnece o

litoral do estado e envia uma expedição ao Paraná, constituída de dois batalhões da Milícia, o 1.º e o 2.º, e de corpos provisórios. O comandante revelucionário Gumercindo Saraiva, a estas alturas, senhor absoluto de Santa Catarina, com seu quartel general instalado em Curitiba, anuncia a sua disposição de continuar a arrancada para o norte. Não o pôde fazer, no entanto. Frustrara-lhe as intenções a ofensiva do corpo de exército do Gen. Ewerton Quadros do qual fazia parte o destacamento da Fôrça Pública, constituindo uma brigada, sob o comando do veterano soldado bandeirante, cel. João Ferreira da Silva Braga. Os milicianos de São Paulo ocuparam Curitiba, expulsaram, o inimigo de Porto Amazonas, União da Vitória e conquistaram Paranaguá. Estava terminada a revolução com a vitória da ordem legal. O gen. Ewerton Quadros louvou a bravura da tropa de São Paulo e encareceu os altos méritos, do cel. Silva Braga, do major Cândido Mariano e do ten. cel. Alberto Ribeiro de Barros, ao qual opontou como "um daqueles distintos brasileiros que lutou valerosamente, pela honra da pátria, nos campos do Paraguai.

À frente de uma horda de fanáticos, em 1897, da vila Canudos, Antônio Conselheiro Mendes Maciel desafia os poderes estaduais e federais. Com relativa facilidade, esmaga três expedições mandadas ao seu encalço. O governo da república mobiliza novas tropas e confia ao gen. Arthur Oscar a missão de extinguir o foco de rebeldia. São Paulo coloca a serviço da nação o 1.º batalhão da Milícia, fazendo-o partir, imediatamente, para a terra bairana. O batalhão paulista de "Os Ser-

tões", de Euclides da Cunha, portou-se magnificamente, culminando sua atuação com o cerco e o ataque final ao baluarte do Antônio Conselheiro. Só deu por encerrada a sua tarefa, quando viu destruída a "Troia de Barro", dos sertões baianos. O coronel José Pedro de Oliveira, mais tarde Comandante Geral da Fôrça Pública, foi, entre outros, o grande herói daquela jornada.

As medidas sanitárias de Rodrigues Alves e Osvaldo Cruz, em 1904, para preservação da saúde pública, agitam a população da antiga capital brasileira. A decretação da vacina obrigatória, ante o surto de febre amarela reinante, foi recebida com incompreensão. Da resistência passiva, passaram os cariocas à hospitalidade e aos motins de rua. O govêrno federal empenha tóda a tropa metropolitana. A seguir, péde auxilio ao nosso estado. Então, o presidente Jorge Tibiriçá faz embarcar para o Rio de Janeiro o 1.º batalhão, a mesma unidade de Laguna, da campanha do Paraná e de Canudos, sob o comando do ten. cel. Pedro Árbues Rodrigues Xavier, mais tarde tombado heróicamente, em Cananéia, no litoral paulista, na defesa da ordem e da lei. Vencida a borrasca, regressa a São Paulo a luzida unidade milicianas, com a tranquilidade de mais uma jornada vencida e vivida.

Os revolucionários do segundo 5 de julho, depois de dominar a capital paulistana por vinte e três dias, são obrigados a abandoná-la, ante a presença das fôrças legais. Rumam, então, para os estados do sul. Atendendo a uma requisição do Ministério da Guerra, São Paulo envia, em outubro de 1924, o 1.º e 2.º batalhões da Fôrça Pública para dar combate aos suble-

vados. Aquêlê, às ordens de Joviano Brandão, segue com destino à Uruguaiana. Chega na cidade no momento exato para impedir fôsse ela abandonada aos revolucionários que se concentravam para atacá-la. Foi dramático o diálogo do cel. Joviniano Brandão com o general comandante da praça para dissaudi-lo de evacuar aquêlê baluarte legal. Mas, a sua argumentação terminou por alcançar êxito. Prepara-se, febrilmente, a defesa. Ânimo novo dominou as tropas e a população e os revolucionários, ante situação diferente, puseram-se ao largo. O 2.º batalhão operou no Paraná até a vitória legal naquele teatro. Destacou-se nos combates de Rocinha, Adelaide, Formiga e Catanduvás. Comandava-o o grande soldado da lei cel. Afro Marcondes de Resende.

Batidos no sul, os revolucionários convergem para o norte. Novo apêlo da nação aos paulistas e São Paulo envia, em operação de guerra, ao nosdêste o 3.º e 5.º batalhões; comandados pelo ten. Artur de Godoi e cel. Artur da Graça Martins. Seguiram as duas unidades para Fortaleza. Atuaram no Ceará e na Paraíba. Rumaram, depois, para o interior da Bahia. Passaram por Canudos. Em Uauá, bem perto do antigo baluarte de Conselheiro, chocaram-se: com os rebeldes. Levaram a tranquilidade a tóda a zona da Estrada de Ferro Este Brasileiro, anterrorisada com as correrias dos revolucionários.

Em julho de 1926, antes do regresso das unidades que operavam no interior da Bahia, segue para Goiás, uma xepedição de 2.400 homens das armas de infantaria, cavalaria, aviação e engenharia, às ordens do pró-

prio cmt. geral da Milícia, cel. Pedro Dias de Campos, com a missão de combater os revolucionários que influetiam para os estados ocidentais. Foi uma campanha rude e penosa que se estendeu até Mato Grosso e só encontrou seu término, quando os revolucionários, vencidos, exaustos, se internaram nas repúblicas vizinhas da Bolívia e do Paraguai.

São Paulo encarnou, em 1930, ao lado da capital federal, o poderoso esteio da ordem e da lei. Defendeu o seu território com bravura espartana. Foi, quando preciso, à ofensiva, passando as fronteiras de Minas Gerais e do Paraná para rechaçar sortidas e fazer retroceder as hostes revolucionárias.

Na cruzada da Revolução Constitucionalista de 1932, as forças paulistas, inicialmente, tiveram missões ofensivas, com ações nos estados do Paraná, Rio de Janeiro e Minas Gerais. O ideal democrático e os anseios de uma pátria governada por instituições legais levaram os bandeirantes a realizar verdadeira epopéia de bravura e sacrifício.

A empreitada vermelha de novembro de 1935 encontrou a Fôrça Pública, como sempre, na estacada, pronta a entrar em ação. Isto não se fêz necessário, no entanto. Mas, os capitães Manoel da Rocha Marques, Cândido Bravo, Benedito Antunes Chaves e Sebastião Machado que se achavam no Rio de Janeiro, cursando a Escola, de Aperfeiçoamento de Oficiais, emprestaram o seu concurso ao esmagamento da criminosa intentona. O saudoso Rocha Marques, o grande "Maneco", foi citado nominalmente, pela sua conduta marcante, comandando tropa de cava-

laria do atual Regimento Andrade Neves contra os amotinados.

Covas rasas, tôscas cruces sem legenda, nos altiplanos de Laguna, nos pântanos do Chaco, nas araucárias paranaenses, nos chapadões do oeste, nos cerrados do nordeste, nas colinas do Monte Santo e nas ribas do Vasa Baris, falam bem alto do valor e da bravura do soldado de Piratininga, nas arancadas ciclópicas, em prol da ordem pública, na defesa das instituições brasileiras. Rememorá-las, evocá-las neste momento, parecendo ouvir em surdina as clarinadas triunfais que ritmaram seus sucessos, por entre as litânias cívicas comemorativas de cento e trinta anos de lutas pelo bom combate, é, não só render calorosas homenagens à Milícia Bandeirante, mas fazer justiça à obra de São Paulo pela terra brasileira, pela unidade nacional.

Novos e fascinantes capítulos do bandeirismo foi o que realizou a Fôrça Pública, através de sua obra de maior século. Os bandeirantes de antanho dilataram as nossas fronteiras, com o pensamento voltado para a pátria. Realizaram a expansão dentro da unidade, dando maior expressão geográfica, histórica e moral ao Brasil. A Milícia de Piratininga, também, ampliou o seu campo de ação para além das fronteiras estaduais, para defender o império da ordem e a majestade da lei, para servir às instituições e à unidade brasileira.

A vocação nacional da Fôrça Pública é fato por demais evidente. Registraram-na os anais de São Paulo. Atestam-na, a cada paço, as páginas da História do Brasil.

Várias

14.º BATALHÃO DE MENORES

Parece que o 14.º BP, em organização, forma-se-á tendo como patrono a figura ímpar e inesquecível do Cel PEDRO DIAS DE CAMPOS, cmt desta milícia na década de 920. Foi felicíssima a escolha do cel Pedro Dias, pois foi ele o líder e instituidor do movimento de escotismo no Brasil, e esse Btl destina-se a lidar com adolescentes; vai auxiliar a Diretoria do Serviço Social de Menores; seus homens serão destacados e preparados pelos oficiais da Fôrça e pela equipe de SSM para o trato com os menores. Preocupa-se o Serviço, e muito com os funcionários, e, desde 1961 vem, através de cursos de psicologia, elementos de psiquiatria, administração e psicologia, preparando os elementos que entram em contato diário com os seus assistidos.

Com a criação do 14.º Btel., contará o SSM com poderoso auxílio. Tais elementos serão orientados e selecionados cuidadosamente para trabalho de tal natureza; assim a reeducação será mais fácil.

Há quem receie o emprêgo de soldados para essa tarefa: a militarização pode redundar num mal. Isso só acontecerá, como tem sempre acontecido, se o pessoal, destinado à lida dos estabelecimentos não for convenientemente educado.

Nosso Cmt Geral, cel Oldemar Garcia, tem-se mostrado entusiasmado com o novo Batalhão e seus argumentos, justos e preciosos, afastam as dúvidas, que porventura possam existir, quanto ao sucesso da iniciativa.

Os quartéis da Fôrça Pública, no interior, estão praticamente vazios porque a tropa está destacada no policiamento das cidades. Se alguns menores ficarem neles alojados e tiverem a orientação de um oficial do 14.º, para seu encaminhamento à indústria, ao comércio, à lavoura, ou mesmo à própria Fôrça, isto será certamente uma medida de elevado alcance.

O menor abandonado que encontrar na sua vida um apoio como esse, na maioria das vezes caminhará mais seguro para a reintegração social.

A Fôrça, com sua tradição, será forte estímulo aos moços que a sociedade desprezou, e que buscam sôzinhos, sem família, sem afeto, sem ideal, apenas um meio de sobrevivência. Ligados à Fôrça Pública, passarão a ter motivo para se sentirem protegidos, terão ideal, terão amigos, poderão orgulhar-se de fazerem parte de alguma coisa. Mesmo que não se inscrevam nas fileiras da Milícia, terão nela a renovação de seus interesses até que constituam família, empreguem-se bem e sigam amparados numa Pátria que eles possam amar.

Organizações que já existem orientadas por militares da Força Pública são provas evidentes da confiança que merecem, e seu trabalho é um dos meios mais eficazes para colaborar na educação do menino da rua que, abandonado será facilmente um infrator.

Ao sr Virgílio Lopes da Silva ao lado do então Secretário da Justiça sr Diniz Junqueira e Sanfirardi Junior, procurador de Justiça, se deve a preparação e organização do Batalhão que conta também com o entusiasmo de vários oficiais da nossa Milícia.

RECOMENDA O GOVERNADOR

O Governador Carvalho Pinto encaminhou memorandos aos secretários do Estado, determinando atenção especial para certos problemas das respectivas Pastas, tendo em vista os estudos para elaboração do 2.º Plano de Ação. Ao titular da SSP, sr Virgílio Lopes da Silva, o chefe do Executivo entre outras recomendações baixou as seguintes: com referência à F. P. e à Guarda Civil deverá ser estudada, em definitivo a amplitude da competência de ambas as corporações, será indicado, em função destas, um programa destinado à cobertura do déficit de instalações para seus serviços e à preparação de um contingente adaptado aos referidos serviços."

NOVAS INSTALAÇÕES

Tiveram já início as obras do Quartel da 2.ª cia independente de São José do Rio Preto. O prédio foi projetado pela Secção de Engenharia da Força; suas linhas obedecem aos princípios da moderna arquitetura; disporá de acomodações necessárias a

instalação das várias dependências que comporta uma cia independente, inclusive acomodações para sala de aula, biblioteca, gabinete médico odontológico, bem como salão para conferências.

BREVETADOS EM RELAÇÕES PÚBLICAS

Em solenidade realizada a 9 de março no salão de conferências do Quartel General os oficiais que concluíram o Curso de Relações Públicas receberam os seus certificados.

Esse curso, cuja duração foi de dois meses realizou-se sob os auspícios do IDORT - Instituto de Organização Racional do Trabalho, e foi ministrado pelo professor Amaury Maria de Moraes. As aulas foram diárias e frequentadas sem prejuízo do expediente, e dos trabalhos normais dos oficiais.

Receberam diplomas de honra; Cel Eliziário Paiva cf do EM e ten cel Rcdolfo Assunção, diretor geral de instrução.

EXAMES DE MOTORISTAS

Vários oficiais desta Força, há muito, dando provas de alto espírito público vinham servindo, sem prejuízo de seus afazeres normais, à Escola Oficial de Trânsito; compunham bancas examinadoras de candidatos a motoristas.

Desligaram-se os oficiais de suas tarefas, porquanto, julgavam que as falhas existentes no serviço, poderiam dar margem ao levantamento de suspeitas sobre a reputação que deve ser mantida ilibada pelos homens que vestem fardas e são distinguidos com uma patente.

O desligamento dos oficiais deu oportunidade para que o snr. Sec.

da Seg. Pública assim se dirigisse ao Cmo Geral: «O Diário Oficial de 1.º de março de 1962, publicou o ato de dispensa, a pedido, dos oficiais da Fôrça Pública que estavam prestando serviços na Escola de trânsito como examinadores. Na oportunidade, cumpra-me apresentar-lhes meus agradecimentos pelos relevantes serviços prestados, considerando ainda que eram feitos sem prejuízos do serviço normal da corporação, evidenciando assim o alto espírito dos referidos oficiais:— 1.os tenentes Carlos Charamonte Spanó, Joaquim Aguiar de Carvalho, Hernâni Benedito de Folsa, Raul da Luz, Cid Benedito Marques, Aparecido Teixeira, Aurélio Martins Olmo e 2.os tenentes José Helton Nogueira, Diefenthaler, Reizo Nishi, Paulo Camargo e Emílio Garibé.

RP DE BRASÍLIA ESTAGIO EM SÃO PAULO

A Rádio Patrulha de São Paulo pôs à disposição da sua congênera de Brasília tôdas as suas instalações, afim de que os integrantes da RP Federal possam fazer, aqui, estágios, de aprendizagem. Essa resolução foi tomada durante a visita que o coronel-engenheiro Newton de Oliveira Ribeiro, diretor do Serviço de Rádio Patrulha de Brasília, fez ao Departamento de Policiamento da Capital, no qual está integrada a nossa RP. O diretor desse Departamento, facilitará com isso, aos membros da polícia do Distrito Federal que se familiarizem com os métodos mais avançados de serviço adotados no policiamento de São Paulo.

NOVA GUARDA NOTURNA

Clandestinamente vem sendo reorganizada novamente em São Paulo a guarda noturna, estipendiada diretamente pelos moradores policiados.

Há muitos anos, dada a insuficiência das organizações policiais e a incapacidade de o Estado policiar convenientemente a cidade, os moradores resolviam a situação cotizando-se e estipendiando pessoas que durante a noite guardassem os seus lares e propriedades.

Os próprios guardas recebiam de porta em porta, no fim do mês sua remuneração e durante êle, trilhando os seus apitos intermitentemente nas esquinas das ruas, tôdas as noites, marcavam seu ponto, isto é, respondiam a sua revista para com os moradores; prestavam ainda alguns favores pedidos pelos seus patrões, como acordá-los em horas determinadas, fechar portas e vitrinas, desligar iluminação de fachadas, jardins e anúncios; quando por acaso não compareciam ao serviço, no outro dia procuravam desculpar-se de porta em porta, do inadimplemento de suas obrigações.

Mas aí, pelos princípios da década de trinta, o estado resolveu intervir nessa atividade particular e fê-lo; isto se chamou a oficialização da Guarda Noturna; reuniu todos os guardas particulares numa organização central, espécie de batalhão, que se chamou Guarda Noturna; uniformizou-as; deu-lhes instrução; estabeleceu-lhes regulamentos. Os moradores continuariam a pagar a contribuição, agora padronizada em cinco mil reis, cinco cru-

zeiros; com essas contribuições pretendia-se que G.N. subsistisse, como o fazia de fato, até então.

Os contribuintes passaram a ser distinguidos com um bonito distintivo pregado nas fachadas de seus imóveis, logo abaixo do número do prédio; era uma faixa em forma de ferradura, com a inscrição «Guarda Noturna», faixa essa que envolvia o pescoço de uma bela cabeça de cão, que lembrava a vigilância e a fidelidade.

Essa oficialização foi o fim da G.N; a receita que deveria mantê-la não pôde fazê-lo; logo no primeiro ano o Estado teve que subvencioná-la com polpuda quantia. O serviço piorou; não era mais aquêl guarda certo que compareceria todas as noites, na mesma rua, porque os guardas passaram a obedecer a escala; com as escalas começaram a faltar; e por fim, a rarear; o povo retrucou, não mais pagando; a inflação chegou, os guardas reclamavam aumento em seus salários e cada ano o estado desembolsava quantias maiores para suprir os deficits; quando quiz aumentar o valor da contribuição, aconteceu a deserção geral dos contribuintes que ainda restavam; ninguém mais pagou e o estado passou a manter sozinho a G. N.

Nos fins da década de 40 foi então extinta; realizou-se essa extinção com a inclusão dos homens remanescentes nos efetivos da Guarda Civil.

Desde então, o policiamento noturno foi dividido entre a Fôrça Pública e essa Corporação.

Já por ocasião das primeiras falhas da G. N, as zonas de maior

concentração de estabelecimentos comerciais e industria's, bem como os bairros mais representativos, passaram a se precatar, formando de novo a própria guarda particular, nos moldes antigos; contudo eram combatidas essas organizações pela Sec. da Segurança Pública.

Mais tarde, quando já extinta a G. N, os atacadistas da R. Santa Rosa quiseram restabelecer mais ou menos às escâncaras aquilo que já possuíam furtivamente, mas foram de novo proibidos pela S S P.

Agora, porém, subrepticamente estabelece-se de novo a G N, nos primitivíssimos moldes e sob o pálio da S S P; encontramos volta e meia referência a esses guardas na imprensa, e, os estabelecimentos e residências vêm sendo visitados por indivíduos credenciados pela S S P, em cujas carterinhas já trazem delimitada por ela seus setores de ação, pela nomeação das ruas que os limitam.

BANDIDO MASCARADO

Assaltante audacioso, mais de 30 vítimas dentro de um ano, está pondo em desafio a policia paulista.

Para seus assaltos escolhe residências dos melhores bairros de São Paulo, onde, não se sabe por quais artimanhas consegue saber, existem senhoras sós; violentá-las é a sua preocupação maior, roubando em seguida apenas o que encontra acessível.

Mais de 3 dezenas de pessoas já foram interrogadas como suspeitas; a policia civil já incriminou um soldado da Fôrça Pública e um Guarda Civil como encarnações do bandido

mascarado; até agora, contudo encontram-se na estaca zero as suas investigações.

Até a moça de plantão noturno da Polícia Femenina foi assustada pelo bandido mascarado, que pelo telefone prometeu que iria visitá-la, provocando naturalmente em seu quartel a tomada de medidas especiais.

O próprio Governador do Estado chegou a preocupar-se com a impunidade do criminoso pedindo satisfações à polícia pelos seus insucessos.

VIGILANTE RODOVIÁRIO

Vai obtendo sucesso impar na televisão a primeira série de filmes nacionais de curta metragem feita especialmente para essa espécie de exibição.

A Indústria Brasileira de Filmes foi muito feliz, não só na seleção das histórias como no contrato de seus artistas.

O profissional Carlos Miranda que desempenha o papel de «Inspector Carlos» é talentoso ator da nova geração e muito experiente; iniciou-se na Maristela e já havia filmado «Vou te Contar», «Casei-me com um Xavante», «A Garganta do Diabo» e «Ilha de Vênus» quando foi contratado para filmar «O Vigilante Rodoviário».

Antes de iniciar os trabalhos dessa série, Carlos estagiou como guarda rodoviário em nossa polícia, cujo curso de preparação de guarda frequentou, como se fôsse um dâles; com o seu cavalheirismo fez sólidas amizades não só entre oficiais como entre as praças; resulta daí que é um frequentador assíduo das instalações da C P R; sempre

que tem uma folguinha comparece para manter uma palestra com os amigos.

Para o desenvolvimento dos filmes da série, foram continuamente utilizadas as instalações do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, situado no Barro Branco, no bairro de Tremembé; com frequência nos filmes aparecem cenas tanto de exteriores, como de interiores daquele quartel. Para cenas de conjunto, para cenas onde aparece tropa, ou atividades desenvolvidas coletivamente, a montagem dos filmes aproveitou-se ainda de cenas adrede filmadas durante as atividades normais das escolas daquele Centro.

Em papeis de curta duração, «extras» como se os chamam, não raras vezes surgem oficiais e praças não só do C F A, como da C P R, os quais, diga-se de passagem, sempre saíram-se muito bem.

O cachorro «Lobo» companheiro inseparável de Carlos foi amestrado em nosso canil, pelos nossos instrutores.

É sempre agradável para nós ver no vídeo as nossas coisas, quer sejam imóveis, quer seja alguém de nossa gente ou suas atividades; acrescente-se que pelo efeito da própria filmagem, sempre as vistas, mesmo as mais simples, aparecem com um aspecto especial de grandiosidade e magestade.

POLÍCIA RODOVIÁRIA NA ESTAÇÃO RODOVIÁRIA

Acompanhado de todos os Secretários de Estado, e viajando de ônibus, o Governador Carvalho Pinto pôs em funcionamento o Posto de Plantão Permanente da Polícia Ro-

doviária do Estado, situado na Estação Rodoviária da Prefeitura, recentemente inaugurada.

Lá chegando sua excia. cumprimentou os engenheiros e os dirigentes do Departamento de Estradas de Rodagem e em companhia do Maj. Irany Bernadino Ribeiro, cmt da Polícia Rodoviária, inspecionou o Posto de Plantão, e determinou que entrasse em atividade.

Cabe ao Plantão Permanente da Polícia Rodoviária examinar os ônibus que devem partir, verificando o cumprimento de horários, presos das passagens, condições de segurança dos coletivos, limpeza e outros detalhes que normalmente competem à Polícia Rodoviária fiscalizar.

O Plantão Rodoviário funcionará ininterruptamente orientando os motoristas e o público em geral sobre as estradas, itinerários e quaisquer dados referentes ao sistema rodoviário paulista.

Ainda sob a marquise principal da Estação Rodoviária o Governador do Estado pôde ver o entrosamento perfeito entre as corporações policiais de São Paulo e suas várias especialidades. Encontram-se naquele local, representantes da Guarda Civil, da Polícia Femenina, da Força Pública, da Diretoria de Serviço de Trânsito, do Juizado de Menores da Capital, e da Polícia Civil de São Paulo, executando um trabalho entrosado, cada um no setor sob sua responsabilidade; prevenção do crime e repressões à delinquência, assistência aos menores e senhoras que viajam e necessitam de atenções especiais.

POLÍCIA FEMENINA

Periódicamente a Polícia Femenina abre alistamento para as suas fileiras; neste mês de março tal aconteceu novamente; as candidatas são selecionadas mediante provas de português, geografia, ciências físicas e naturais, matemática, história geral e do Brasil; os requisitos exigidos são: ser brasileira, solteira, viuva ou desquitadas, sem encargos de família; maior de 21 anos e menor de 35; altura mínima 1,56 mts; curso secundário completo, normal ou contabilidade; os vencimentos são de CR\$ 25.950,00.

PROJETO DE LEI N.º 15, DE 1962 DISPÕE SOBRE PROMOÇÃO DE OFICIAIS E PRAÇAS DA FORÇA PÚBLICA DO ESTADO

Apresentado a 15-III-62 pelo dep.
Orlando Zancaner

Art. 1.º — O licenciamento ou afastamento, por motivo de moléstia, de oficiais ou praças da Força Pública do Estado, não prejudicará sua promoção por antiguidade.

Art. 2.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

JUTIFICATIVA

«...Funda-se a medida, em primeiro lugar, no princípio, que já prevalece para os funcionários civis, de que a moléstia não é nem deve ser impedimento à promoção. Parece-nos de irrecusável justiça que o mesmo aconteça, em relação aos militares, ao menos no que diz respeito à promoção por antiguidade,

môrmente considerando que esta leva em conta, precipuamente, o tempo de serviço já prestado, e que para a aquisição de moléstia concorre, quase sempre, o desgaste produzido pelo trabalho...»

PROMOÇÕES DE OFICIAIS

Foram promovidos:

a cel. o ten. cel. Brasilino Antunes Proença;

a ten. cel. os maj. Antônio Paes de Barros Neto, Paulo Viana e Osvaldo Feliciano;

a cap. os 1.º ten. José Leite Barbosa, Raul da Luz, Benedito Augusto de Oliveira;

a 1.º ten. os 2.ºs ten. Hermógenes Gonçalves Batista, Joaquim Carlos de Oliveira, Mario Abreu Junior;

a 2. ten. os asp. Wilson da Silva e Antônio Gonzaga da Silva.

TRASFERÊNCIA PARA A RESERVA

Foram transferidos para a reserva os céis. Paulo da Cruz Mariano, Milton Ciríaco de Carvalho, Fernando Henrique da Silva e o Cap. Osvaldo Esteves.

NOMEAÇÕES

Foram nomeados 2.ºs ten. médicos estagiários os DR. Ikuro Fujima e Milton Strenger.

COMANDOS E CHEFIAS

Por efeito de transferências e classificações recentes, encontram-se:

Na Inspetoria Administrativa o Cel. Brasilino Antunes Proença;

No cmdo. do C F A o cel. Francisco Ettore Gianico;

Na Diretoria de Policiamento da Capital o ten. cel. Ricardo Colaço França;

No cmdo. do R C o ten. cel. Adauto Fernandes de Andrade;

No cmdo. do 3.º B C o ten. cel. Paulo Viana;

Na Chefia da Comissão Estadual de Abastecimento o Preços, o ten. cel. Alfredo Costa Junior que substituiu o ten. cel. Genésio Nitri- ni .

ENCONTRAM-SE EM SÃO PAULO

E com grande satisfação que MILITIA registra a permanência em São Paulo dos seguintes oficiais das co-irmãs de outros estados:--

CEARÁ

1.º ten Maurício de Castro e Souza, que encontra-se matriculado no curso de criminalística da Escola de Polícia;

1.º ten Manoel Rodrigues Neto e 2.º ten Marcos Alves Peixoto, que se acham matriculados na Escola de Educação Física desta Fôrça.

GUANABARA

Cap Abenante de Melo e Souza que se encontra matriculado no curso de criminalística da Escola de Polícia.

SANTA CATARINA

2.º ten Ronaldo Américo Schmidt e Paulo Nascimento Müller que se acham matriculados na escola de criminalística da Escola de Polícia.

Encontram-se ainda matriculados no 1.º ano da Escola de Oficiais desta Fôrça os jovens al. oficiais Alberto Araújo Gomes, Edson Elpo, João Lázaro Braga Filho, e Nivaldo Correia.

VISITANTES

Visitaram a nossa redação os srs. ten. cel. Aristide Monteiro, diretor de bombeiros, cap. Lourenço Mastinez Filho, sub-diretor, e cap. Djalma Leal Soares cmt. da cia. de manutenção de bombeiros, todos da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, e que por São Paulo passaram a serviço de suas corporações. Durante o pouco tempo em que os referidos oficiais estiveram em nossa redação pudemos trocar um milhão de impressões a respeito de nossos problemas comuns e de nossos ideais.

FALECIMENTOS

Faleceram: Maj Benedito de Paula Barbosa, 1.º ten Francisco de Paula Benvindo, Virgílio Gomes Neto e

Cel JOÃO DE OLIVEIRA MELO, sepultado às 15 de 6-II, no cemitério dó Aracá.

O cel Melo nasceu a 5 de agosto de 1907, ingressando na Fôrça Pública em 15 de maio de 1931; foi promovido a 2.º ten (estudos) a 8 de janeiro de 1932; a 1.º tenente (merecimento) a 12 de fevereiro de 1938; a Capitão (merecimento) a 15 de setembro de 1942; a Major (merecimento) a 24 de maio de 1948; a ten coronel (merecimento) a 24 de maio de 1949; e a Coronel a

24 de janeiro de 1951. Possuia os cursos: Curso Especial Militar; Curso de Instrutor de Educação Física e Curso de Aperfeiçoamento.

A CÂMARA MUNICIPAL DE GUARATINGUETA OFICIOU AO
CMDO. GERAL

Esta presidência da Câmara Municipal de Guaratinguetá vem à honrosa presença de v. exia a fim de transmitir-lhe, em transcrição de inteiro teor, o Requerimento n.º 13-62, unanimemente aprovado pelo Plenário desta Casa, em a Sessão Extraordinária de 10 de fevereiro de 1962.

«Com o falecimento do coronel João de Oliveira Mello, ex-chefe do Estado Maior da Fôrça Pública do Estado de São Paulo, perde Guaratinguetá um dos seus mais ilustres filhos, aquêlê que a dignificou e honrou nas mais elevadas posições que conquistou por seus próprios merecimentos. É de pezar e de tristeza o nosso estado de alma quando registramos o falecimento do brioso militar que tantas provas de bravura deu quando lutou pelo engrandecimento de São Paulo. Requeremos, ouvido o Plenário, sob o regime de urgência, seja consignado em ata voto de profundo pezar pelo falecimento do Coronel João de Oliveira Mello, dando-se conhecimento da deliberação do Plenário à exma. família e ao Comando da Fôrça Pública de São Paulo. (aa) Antônio Alaor Almeida Cassula, Adhemar Pereira de Araújo, Antônio Carlos Ay-

rosa Rangel, Darcy Vieira e Rogério Lacaz Filho.

Associando-me às manifestações de pesar prestadas por meus ilustres pares, valho-me do ensejo para apresentar a vossa excelência protestos da alta e real consideração.

(a) José Aguiar Martins —
«Presidente da Câmara».

SOLDADO ASSASSINADO A TIROS E FACADAS

Bárbaro crime de morte ocorreu na vizinha localidade de Artur Alvim; um soldado da Força Pública foi abatido a facadas por um indivíduo que ia prender, Helena Parella discutiu com seu amásio, sendo por êle ameaçado de morte.

Safando-se das mãos do companheiro, Helena compareceu ao Posto Policial de Artur Alvim, ali relatando o fato e pedindo ao soldado Valdomiro de Paulo, de 25 anos, casado que tomasse as providências que o fato requeria. Prontamente o militar se encaminhou para a rua Um, verificando no local que Domingos havia fugido, apurando que o mesmo ocultara-se no prédio 5-A, da rua Três. Indo em busca do fugitivo, o soldado passou diante do prédio e intimou Domingos a sair e entregar-se; mas no mesmo instante viu-se alvejado por quatro tiros de revólver; dois dos quais o atingiram mortalmente. O criminoso não contente com o seu ato tresloucado, num requinte de perversidade, agrediu a vítima inerte a golpes de faca e evadindo-se em seguida.

O miliciano poucos instantes teve de vida.

ABERTURA

SOLENE DOS CURSOS

As 10.00 horas de 24-II-1962, realizou-se no Quartel do C.F.A., Unidade Escola da Força Pública, atualmente sob o Cmdo. do Sr. Cel. FRANCISCO ETTORE GIANICO, a solenidade de abertura dos cursos das diversas Escolas daquele Centro.

Registrou o acontecimento formatura da tropa; leitura do Boletim alusivo ao ato e desfile em continência às autoridades presentes.

No encerramento da solenidade foi proferida a Aula Inaugural pelo senhor coronel JOSÉ HYPPÓLITO TRIGUEIRINHO, subordinada ao tema "A Despersonalização do Homem".

Compareceram àquela Unidade as seguintes autoridades: Gen. ALBERTO RIBEIRO PAIS, representante do Cmt. do II Exército, cel. OLDEMAR FERREIRA GARCIA, Comandante Geral da Força Pública, Dra. HILDA MACEDO, Comandante da Polícia Feminina, Cap. SADY DE ALENCAR, representante do Cmt. do C P O R, Inspetor OMAR GALVAO, diretor da Guarda Civil, Cel. APARICIO DE BARROS MESSIAS, Cel. TEÓFILO RAMOS, DR. PAULO PESTANA, DR. ENZO TRIPOLI, Drs. EGBERTO MAIA LUZ e ARTUR COGAN, professores no CFA, Sd. OIRASIL WERNECK, presidente do CSCS, Comandante de Unidade e Chefes do Serviço da Força Pública.

Sacerdotes agitam

*Brasil Paiz
diferente*

Congresso Rural

Pelo noticiário quotidiano da imprensa verifica-se, que se tem colocado em relevo o trabalho do Clero Católico Nacional, em apoio às reivindicações populares.

Há figuras do clero que já se tornaram conhecidas, tanto no norte, como no sul e centro do país, pela sua atuação no sentido progressista, em benefício das classes menos favorecidas.

O telegrama que abaixo transcrevemos publicado pela Gazeta de 29-I-1962 é uma amostra expressiva da posição do Clero Nacional, que em outros países leva a pecha de ser o último reduto do "reacionarismo".

Araraquara, 29 (Dep. A GAZETA) — O Congresso Rural Estadual realizado em Araraquara, de 19 a 21 deste mês, quase teve um desfecho inesperado e que poderia empanar totalmente o seu brilho. Devidamente convidados pela FARESP, fizeram-se presentes àquele conclave diversos representantes do clero, destacando-se frei Celso e o conego Aldomiro Storniolo, este vigário da Paróquia de São Bento. Antes de serem instaladas as sessões plenárias, nos bastidores, portanto, do congresso, frei Celso falou sobre a necessidade de se dar ao homem do campo um salário mais justo e digno, a fim de estimular a agricultura nacional. Dizia ser esse o ponto básico para o aumento da produção. No entanto, aqueles que estavam mais próximos a frei Celso, imediatamente começaram a criticar seu ponto de vista. Às vezes até, exaltados, repeliam asperamente aquela argumentação. No entanto, graças ao bom senso de alguns, os ânimos foram serenados e os trabalhos iniciados sem maiores conseqüências.

A noite, no entanto, o conego Aldomiro Storniolo, convidado pela FARESP e pelos congressistas para fazer parte do Grupo III que tratou do tema: "Salário do Trabalhador Rural", também fez questão de afirmar, não em plenário, porque não lhe deram a palavra, mas entre amigos, a necessidade de melhores salários para os homens do campo, a fim de se evitar a infiltração comunista e para se incentivar a produção agrícola. Fêz o mesmo no domingo pela manhã, no sermão que proferiu na Igreja Matriz de São Bento e por uma das emissoras locais. O fato chegou ao conhecimento dos congressistas, os quais, mais uma vez, se mostraram revoltados com aquela atitude, chegando mesmo a pedir providências contra o sacerdote. Felizmente, tudo não passou de exaltação de ânimos apenas, chegando o congresso ao seu final, normalmente.

O ponto de vista de frei Celso e do cónego Aldomiro Storniolo teve grande repercussão na cidade, recebendo aplausos de toda a população, que comunga o pensamento daqueles representantes da Igreja.

Publicações recebidas

Periódicos

H M, REVISTA de atualização científica — Arquivos do Centro de Estudos do Serviço de Saúde da Fôrça Pública do Estado de São Paulo, edição correspondente a janeiro de 1962, que modestamente se situa como número 1 do ano I; de fato, a mesma plêiade de dedicados oficiais que há dez anos vinha editando "ARQUIVOS MÉDICOS" agora está editando "H M".

O nome — H M — retrata a sigla por que é conhecido o Hospital Militar.

Pertence a Publicação ao "Centro de Estudos do Serviço de Saúde da Fôrça Pública" que também é transformação do "Centro de Estudos Médicos do Serviço de Saúde da Fôrça Pública".

Na direção da periódico encontram-se: como diretor o maj. Miguel Simão Matuck; como redator chefe, o maj. Sylvio Ernesto José Marino; como 1.º e 2.º secretários os 1.ºs tens. Carlos Henrique de Almeida Gaeta e Yukino Miyata; abrilhanta-a ainda a velha-nova-publicação um lúcido corpo de redatores.

NOTICIARIO POLICIAL

Publicação recém surgida, mensal, em seu ano I; o n.º 4 corresponde ao mês de março de 1962; é dirigido pelo tenente da reserva desta Fôrça, JOÃO NOGUEIRA; Nogueira pretende orientar seu jornal no sentido de torná-lo um órgão informativo para a Fôrça Públi-

ca, noticiando tudo quanto de importância possa acontecer no ambiente estadual e mesmo nacional que se relacione com a Fôrça Pública de São Paulo.

Quer êle sanar uma lacuna existente na corporação, pois as praças destacadas nos longíquos municípios, bem como o pessoal da reserva e reformado, perdido o contacto como os boletins oficiais, muito depressa se alheiam completamente à vida da Corporação, e desprendem-se dos seus laços de amizade que sempre deveriam manter-se vivos; com seu jornal o tenente Nogueira quer manter atuante êsses vínculos que devem entrelaçar o pessoal que labuta ou labutou nas mesmas fileiras.

Dentro dessa ordem de idéias além de outras notícias, pretende regularmente publicar tôdas as promoções, passagens para a reserva e falecimentos; tôdas as leis decretos e portarias que alterem as estruturas ou métodos de trabalho da Corporação, ou de suas instituições, com Caixa Beneficente, Cruz Azul, e Mutuas, bem como as atividades sociais das 10 associações que congregam os elementos da Fôrça Pública.

Pedidos de assinaturas podem ser dirigidos à Rua Barão de Paranapiacaba n.º 64, 4.º andar, São Paulo — Capital.

GENDARMERIE NATIONALE — "Revue d'études et d'informations" - n.º 50 — 4.º trimestre de 1961 — Direction de la Gendarmerie et de la Justice Militaire; sous-direction de la Gendarmerie - Paris-Componta notícias em geral, inclusive de ultra-mar; casos concretos em que os policiais estiveram envolvidos; artigos sobre policiamento rodoviário etc.

ESSEPEVÊ — Publicação da Diretoria das Rotas Aéreas do Ministério da Aeronáutica Ano IV — 4.º trimestre — de 1961 — n.ºs 53 a 55 — Guanabara.

A RURAL — Revista da Sociedade Brasileira — ano XLI — n.ºs 487 e 490, de novembro de 1961 e fevereiro de 1962 — S. Paulo.

A DEFESA NACIONAL — Ano XLIX — Nov. e Dez. de 1961 — n.ºs 568 e 569 — editada na Guanabara.

BOLETIM DE SAÚDE MENTAL — órgão do Serviço Nacional de Doenças Mentais do Ministério da Saúde — ano 2 — n.º 55 — Guanabara.

VIDA NA G.M. — Ano XIV n.º 74 — Janeiro Fevereiro de 1962 São Paulo — Publicação Bimensal da General Motors do Brasil — Redator Chefe Maurício Simão; Redatores: Gilberto C. Barros e Carlos M. Leão.

BOLETIM INFORMATIVO DO C.S.S. — Órgão do Centro Social dos Sargentos da F. Pública de S. Paulo — ano VI n.º 41 fev. de 1962.

TRIBUNA POLICIAL — órgão da Associação dos Delegados de Polícia do Rio Grande do Sul — Ano I n.ºs 3, 4, 5 e 6 correspondentes a dezembro de 1961 e janeiro, fevereiro e março de 1962.

ALMANAQUE DA BRIGADA MILITAR — Publicação anual, como soc. acontecer com todas as publicações desse gênero, em seu ano XLVI correspondente a 1961; contém os nomes dos oficiais da ativa, dos convocados, dos sub-tenentes da ativa, e dos oficiais inativos e reformados.

A excelência das publicações referidas deixa contrafeita a modéstia de nossa "MILITIA".

Avulsas

ESBOÇO HISTÓRICO DA BRIGADA DO RIO GRANDE DO SUL, - alentado trabalho do cel. Juiz da Corte de Apelação da Justiça Militar do Estado — II volume — correspondente ao histórico da Brigada de agosto de 1918 a setembro de 1930 — volume in.º 16, com 543 páginas, corpo 10 — oferta de nosso correspondente Cap. João Aldo Danesi, daquela Brigada.

POLICIAMENTO — Extenso trabalho do Maj. da Polícia Militar de Minas Gerais, Antônio Norberto dos Santos, in.º 16, com 546 páginas, oferta do próprio autor.

DISCURSO do Dr. GABRIEL CBINO, secretário da Fazenda no Estado do Rio Grande do Sul; discurso de paraninfo da turma de sargentos que terminou o referido curso de formação no ano de 1961.

A DESPERSONALIZAÇÃO DO HOMEM — Cel. José Hipólito Triqueirinho — aula inaugural pronunciada na abertura dos cursos do Centro de Formação e Aperfeiçoamento — Aborda o conferencista tema que serviu de título para o seu opúsculo e mos-

tra que "ela se processa não só por consequencia da revolução tecnológica, que torna o homem vero autômato, para desintegrar-se, diluir-se, indefinir-se, desaparecer, bem como é oriunda também da socialização materialista, hegeliana, positivista, marxista que avilta, ao despersonalizá-lo sob a enganosa razão da unidade de classe e do interesse coletivo".

A NOVA ENGENHARIA — publicação dos engenhairandos da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo — edição especial da Revista Politécnica.

72 MESES NA DIREÇÃO DO CLUBE DOS OFICIAIS DA F. PÚBLICA — Relatório do Cel. Rubens Teixeira Branco referente aos meses em que foi presidente do nosso Clube, de 1955 a 1960 — Em seus 18 itens ou capítulos da uma idéia das lutas, das frustrações e dos triunfos que marcaram aqueles 6 anos de fecunda administração.

RELATÓRIO DO CENTRO DOS OFICIAIS DA RESERVA DA F. PÚBLICA, referente ao ano de 1961 — assinado pela Diretoria e Presidente do Conselho.

Os nossos cumprimentos à Direção dos periódicos; nossas felicitações aos autores, e nossos agradecimentos às atenções pelas ofertas.

*Leia
uma análise
retrospectiva
de sessões
do Congresso
do que diz respeito
a*

A BATALHA DO DIVÓRCIO

*mais de 500 páginas de
Arruda Câmara*

*contendo ainda
dados estatísticos e
pormenores diversos
além de
pareceres de autoridades*

Encomendas a SARAIVA S/A — rua Sampson, 265 São Paulo

EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES

Direção do major Francisco A. Bianco Junior



Tiro ao alvo Prova Cidade de S. Paulo

No dia 25 de janeiro, dia em que se comemora a passagem de mais um aniversário de nossa cidade, foi realizada no estande do Clube Regatas Tietê, a primeira prova da temporada do presente ano. A promoção da Entidade "Mater" do tiro ao alvo bandeirante, alcançou amplo sucesso, pois foi numeroso o contingente de atiradores que compareceu à disputa. Atiradores das quatro classes responderam presente à prova "Cidade de São Paulo", homenageando-a não só cívica mas desportivamente. No presente ano a prova de São Paulo que se disputa com revólver calibre 38, excepcionalmente foi aberta para revólver calibre 22 e 32 e para pistola, em calibre 22.

O herói da prova foi o representante da Associação Santista de Tiro (Santos), Newton Almeida, perfazendo um total de 276 pontos. As demais classificações até o 6.º lugar, foram as seguintes: 2.º — Durval Guimarães — C. R. T., com 276 pontos; 3.º — Benvenuto Tilli — C. R. T. — com 275 pontos; 4.º — Alan Sobocinsk, — avulso — com 272 pontos; 5.º — Flávio Otero, com 271 pontos e 6.º — Luiz C.M. Marcondes Machado — com 268 pontos.

Os atiradores da Fôrça não foram muito felizes nessa bonita prova. Considerando porém os resultados gerais, que também não foram os melhores na prova que abre a temporada do tiro, seus resultados se enquadram na média dos atiradores, dentro de suas classes.

Assim, os nossos companheiros obtiveram os seguintes resultados: Coronel Rubens Teixeira Branco 267 pontos; 1.º Ten. Hamilcar Carremenha, 262 pontos; Cap. Alvaro J. Altmann, 263 pontos; Cap. Flávio Capelêtti, 262 pontos; Cap. Sadóc Chaves Simas, 260 pontos; Maj. Francisco Bianco, 246 pontos.

Como se verifica dos resultados dos nossos atiradores, a nossa equipe está dentro das suas possibilidades, mantendo a tradição de bons atiradores de revólver e pistola. Outras provas do calendário da Federação se aproximam; temos a certeza, que os nossos companheiros melhorarão seus índices para gáudio da nossa Corporação.

Parabéns de "Militia" para os que compareceram à prova.

A nossa Tipografia

João Madeira

Falar dos outros, bem ou mal, sempre é mais fácil do que falar de nós mesmos, daquilo que fizemos, de nossas realizações, de nosso trabalho quotidiano, de nossas qualidades e defeitos, porque sempre corre-se o risco de empregarmos uma modéstia demasiada ou contar vitórias sem expressão.

"Militia" que, por suas colunas, sempre mostrou aos seus leitores tudo aquilo que se faz em nossa Força Pública, vai lhes falar hoje da nossa Ti-

e sintam nossos desejos de melhor servir nossa terra e nossa gente.

Pois bem, a Força Pública conta hoje com uma Tipografia que se moderniza dia a dia, para acompanhar o progresso da Corporação, imprimindo todos os modelos oficiais aqui usados, os boletins gerais, comemorativos e especiais, as Leis, os Decretos e os Regulamentos, os Almanques dos Oficiais, dos Subtens. e Sargentos e por fim, esta Revista que está em suas mãos.



Na foto a
equipe titu-
lar da Tip.
do Q. G.

pografia, de nosso berço, melhor dizendo, de seus abnegados servidores que dia e noite labutam para que a nossa Corporação tenha seus impressos a mão, seus Boletins que levam as ordens despachos, mensagens e outras notícias a todos os recantos de nosso Estado, para que leitores deste imenso Brasil e do estrangeiro leiam a nossa Revista

Os mais idosos, aqueles que envergam nossa farda há 30 anos atrás, lembram-se de uma pequena Tipografia instalada em um porão do antigo 1.º B.C. hoje Batalhão "Tobias de Aguiar", onde se comunham e imprimiam a mão os Boletins da Força. Hoje estamos instalados à Rua Alfredo Maia, 106 onde nossas portas

muitas vezes abrem-se as 5 horas da manhã e fecham-se altas horas da noite, já com Boletins impressos para serem distribuídos no dia seguinte, levando a tóda Corporação as ordens de seu Comandante.

Vários Chefes por aqui passaram, deixando cada um a marca indelével de suas realizações. Presentemente chefia a Tipografia do Q.G. o Ten. Albertino Sacogne que em poucos meses de atividades, já deu mostras de que muito poderá fazer no futuro. Oficial culto, moderno e realizador, será por

Dentro das oficinas da Tipografia encontram-se os Subtens. André e Honorato dois profundos conhecedores de todos os segredos da arte gráfica. Dois antigos e incansáveis batalhadores, exemplos vivos de disciplina e amor ao trabalho.

Faltava algo aos elementos da Tipografia que era a recreação em conjunto e nada melhor que o esporte para proporcionar diversão, amizade e saúde. Pensando nisso, foi que surgiu a idéia de organizar-se um quadro de



Na foto a equipe reserva da Tip. da F.P.

certo, um dirigente seguro e capaz de manter o ritmo crescente do trabalho gráfico. "Militia" orgulha-se de ter no Ten. Sacogne um de seus eméritos colaboradores.

futebol de salão para, nas horas vagas, que por sinal são poucas, pois além de gráficos que são, concorrem a tódas as escalas de policiamento, prontidão, revistas e instrução, ordenadas pelo

Q.G., praticarem o salutar esporte do futebol em quadra.

Nomearam-se os três primeiros diretores: Sgt. Carvalho, diretor esportivo, Sgt. Pires, tesoureiro e Sgt. Abel, técnico; a 24 de Março do corrente ano deu-se a sua fundação desse quadro que contou com o apoio unânime de todos os integrantes da Tipografia. Começaram os treinos e jogos. Iniciando um pouco incerto o quinteto foi logo adquirindo experiência, e começa já a se impor e colher os primeiros triunfos deante de adversários respeitáveis. Sur-

gem os primeiros bons valores como sejam: Wilson, Mattos, Gervásio, Abel, Alicio, Olavo e Vicente. Despontam como bons reservas Carneiro, Pires, Carvalho, Marcelino, Afonso, Mauro, Nicolino e Fernandes. Com o entusiasmo e dedicação com que estão se empenhando, preve-se muito progresso. "Militia" ao apressentar as fotos ao lado, presta com satisfação uma sincera homenagem as anônimos servidores da Tipografia, que deu de um modo ou de outro, colaboram na feitura de nossa Revista.

ELEITA A DIRETORIA DO CLUBE DE FUTEBOL DE SALÃO DA TIP. DA F.P.E.S.P.

Aos 12 de maio de 1962, houve votação para a eleição da Diretoria, que irá reger o futuro do promissor quadro de FUTEBOL DE SALÃO DA TIPOGRAFIA DA F.P.E.S.P.

Na presença de todos os associados foi aberta no meio de expectativa geral, a urna na qual estavam depositados os votos das chapas 1 e 2.

Após a contagem dos votos na presença geral, sagrou-se vencedora a chapa n.º 1, com a contagem de 21 a 5.

A Diretoria que dirigirá o destino do Clube no corrente ano será a seguinte:

PRESIDENTE:

2.º TEN. ALBERTINO SACOGNE

DIRETOR TESOUREIRO:

SUBTEN. ANDRÉ VITÓRIA FILHO

DIRETOR SECR. GERAL:

SGT. AMÉRICO CIMACHI

DIRETOR TÉCNICO:

SGT. ABEL BATISTA CAMILO

ENC. VESTIÁRIO GERAL:

SD. EWRALDO RIBEIRO CARNEIRO

Ha um

Trombo nos seus Vasos?

OSCAR ABRANCHES

Major Médico

(Cardiologista)

A trombose significa que um coágulo sanguíneo interceptou ao próprio sangue vias de acesso a partes vitais do organismo e a consequência geralmente é o êxito letal (morte súbita).

A trombose das coronárias é um exemplo frisante dessa anomalia circulatória. Acontece em indivíduos, muitas vezes, de aspecto robusto, que desconhecem o distico doença. Atualmente aceita-se como causa primordial dessa trombose, a Aterosclerose, numa porcentagem ponderável. A morte súbita, nestes casos é frequente; faz parte quase que diariamente do conteúdo dos jornais.

Os Centros de Saúde, úteis com seus exames de abreugrafias, deveriam também, instituir o Eletrocardiograma, rotineiramente, afim de prevenir os pacientes contra as insidias da morte, na maioria dos casos, prematura.

É comum o individuo apresentar ao exame eletrocardiográfico a inversão da onda característica da insuficiência coronariana que conduzirá certamente ao enfarto do Miocárdio (trombose) se não houver uma terapêutica preventiva eficiente da aterosclerose, que pode ser obtida, com alimentação pobre de gor-

duras e colesterol, mediante utilização de carnes magras, aves, coalhada, frutas, etc.

Várias causas têm sido apontadas para produção da aterosclerose coronária: — Hereditariedade, "stress", distúrbios endócrinos, etc. De maneira que, na aterosclerose em que a integridade vascular está alterada pelas causas já mencionadas, principalmente, pelo excesso de colesterol, há naturalmente, uma diminuição da velocidade da corrente sanguínea; os glóbulos brancos e globulinos desprendendo-se da coluna sanguínea tendem a aproximar-se da parede vascular e cair no fundo do vaso; a precipitação desses ditos elementos sobre a parede vascular alterada dão origem a trombokinase e trombogênio havendo em consequência, neste ponto a formação de um trombo que pela adesão e precipitação de novos elementos do sangue, aos poucos aumenta de volume até a formação de uma massa sólida no interior do vaso; é esta em discreta explanação científica o que se denomina trombose.

Concluindo esse assunto médico evidenciamos o valor de uma medicina preventiva.



A Arte

Matheus Felix de Moura

A arte é a expressão de tudo que há no mundo,
Ela enriquece, é vida, é flôr, seduz;
O seu sentido é altivo e tão profundo
Que a alma a percebe e às vêzes não traduz.
A arte é a Grecia famosa e os clássicos sermões
Do magistral Vieira; é a lira de Bilac;
É o sonho de Anchieta e os versos de Camões
Lavrados no sabor de esplêndido sotaque!

As dádivas de amor

Que rolam do infinito

São artes divinais

De mística poesia...

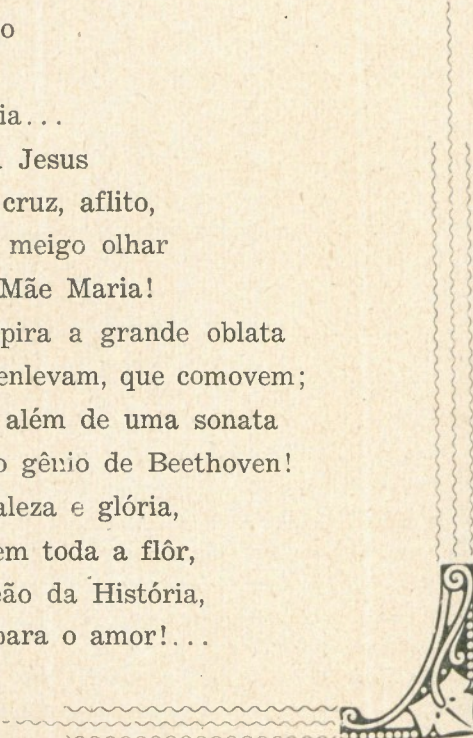
— Artista foi Jesus

Quando na cruz, aflito,

Desceu o meigo olhar

A sua Mãe Maria!

A criação da vida inspira a grande oblata
Das coisas líricas que enlevam, que comovem;
Porisso a vida é arte, além de uma sonata
Outonal, que recorda o gênio de Beethoven!
Arte inconcussa... realeza e glória,
Orvalho que rebrilha em toda a flôr,
Deusa da Musa, panteão da História,
Buquê de rosas feito para o amor!...



Hipometria

Cel. José Canavó Filho

O Manual de Hipologia, adotado no Exército Nacional, tecendo considerações em torno do estudo das proporções do cavalo, cita, sem contudo, desenvolver o assunto, as proporções estabelecidas por Bourgelat, célebre fundador de várias escolas veterinárias na França.

A nosso ver, é Bourgelat quem substitue o metro para a medida do cavalo, tomando como unidade, o comprimento da cabeça.

Esta substituição faz ressaltar, pois, que cada cavalo traz em si próprio, a sua unidade métrica, o que exclue qualquer possibilidade de erro ou dúvida.

Concordamos com o Manual de Hipologia, quando diz que o método de Bourgelat «exige muito trabalho e tempo, principalmente nos grandes efetivos». Todavia, cumpre evidenciar que é Bourgelat quem nos apresenta a imagem mais real do cavalo perfeito, sob os pontos de vista estético, belo e biológico.

As suas conclusões são resultantes do estudo e exame de um grande número de cavalos, considerados como sendo possuidores das mais perfeitas proporções.

É lógico que ao examinar os cavalos destinados à nossa remonta, não poderíamos rejeitar todos aqueles que não preenchessem tais exigências. Habitando, porém, a nossa atenção à imagem de um cavalo perfeito, não somente teríamos a nossa tarefa facilitada, como também não cairíamos em certos enganos de expressão.

Conhecida e fixada a imagem de um cavalo, cujo conjunto, pela sua harmonia, indique a perfeição das proporções pode-se concluir que o cavalo será tanto mais perfeito, quanto mais se aproxime da imagem e imperfeito pela sua desarmonia e afastamento da perfeição.

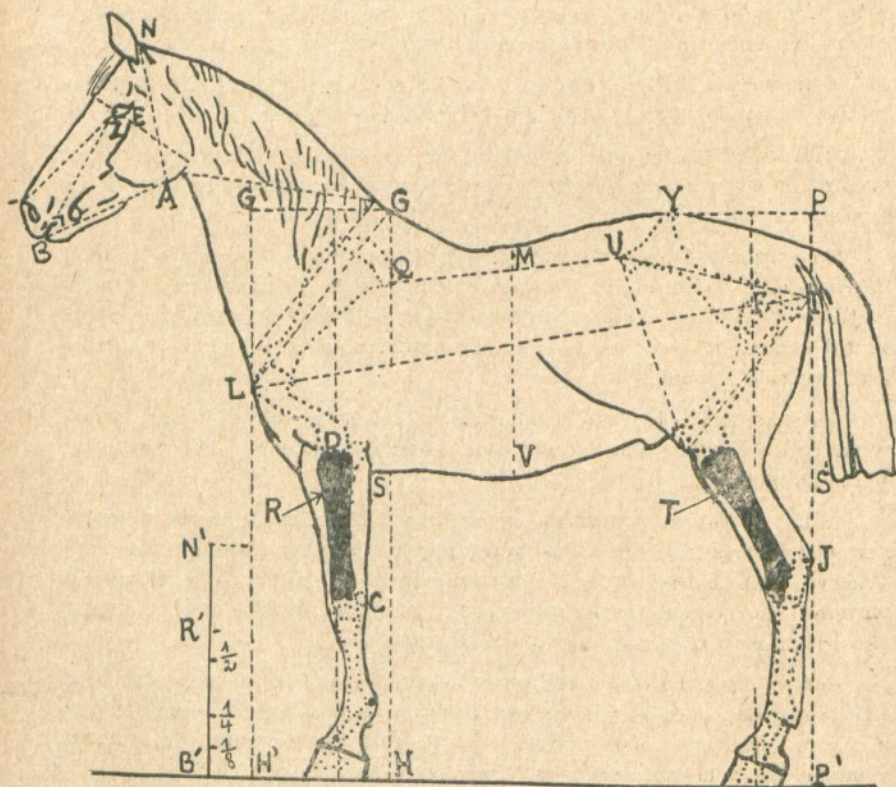
Antes de expor o assunto, entretanto, é preciso fixar que este estudo apenas abrange as proporções do cavalo, pois é sabido que um cavalo bem proporcionado, pode apresentar as mais variadas taras morais e até físicas.

De outro lado, um cavalo pode ser falho de proporções, no entanto, suficientemente brioso embora o seu equilíbrio não nos satisfaça plenamente.

Os árabes geralmente, não se apegam à forma e sim ao sentimento, tanto assim que eles montam o cavalo com os olhos vendados, aceitando-o desde que se revele aproveitável.

Isto, entretanto, se explica, porque sendo o cavalo árabe puro, na expressão forte do termo, logicamente se deduz que as suas fôrmas não foram adulteradas, como acontece, em alguns países, onde existem uns tipos de degenerência idênticos ao Mangalarga e outros.

Feitas estas considerações, vejamos agora o que nos diz Douhsset do resultado das suas pesquisas em numerosos cavalos de raça considerados proporcionados.



PROPORÇÕES

O estudo que vamos expor tem em vista a imagem de um cavalo perfeito, cuja altura e comprimento correspondem a duas vezes e meia a unidade de medida, representada pelo comprimento da cabeça, tomada em sua maior extensão.

Essa igualdade foi encontrada geralmente, em tipos bem proporcionados e constituídos, destinados ao serviço.

É pois um cavalo nessas condições que vai servir, como ponto de partida, para a nossa exposição sôbre proporções, do qual tomaremos o comprimento da cabeça — N B — como unidade de medida.

Para facilitar a manobra da régua tracemos êsse comprimento sôbre a vertical N' E' o que permitirá o estudo comparativo com maior segurança.

Entremos, pois, no assunto.

A altura do cavalo é medida na vertical, H G, do sólo ao garrote.

O comprimento, da ponta da espádua «L» à ponta da nádega I, extremidade do ischium, limite da bacia.

Regiões que correspondem ao comprimento da cabeça, ou seja, da linha N' B': —

- do garrote G à ponta da espádua L;
- de M a V do dorso ao ventre (diâmetro);
- do ponto Q, extremidade posterior da espádua do lado do ângulo dorsal, à ponta da anca U;
- do solo P, à ponta do jarrete J;
- do jarrete J, até a junção da rótula com o ventre;
- do extremo S, abaixo do ccdilhc, a um ponto que, para os cavalos mais altos, fica acima dos boletos e para os menores na relação de $\frac{1}{2}$, $\frac{1}{4}$ ou $\frac{1}{8}$.

Para se achar a medida da garupa, que é sempre menor que a cabeça, mede-se ésta de N a O, comissura dos lábios, a qual representa, aproximadamente, $\frac{1}{3}$ de N B.

Êsse cavalo, colocado em estação (placê), nos dará ainda outras medidas interessantes, conforme iremos mostrar:—

- o comprimento I U (garupa) fórma com a parte inferior da rótula, um triângulo de lados iguais;
- êsse mesmo triângulo se estabelece no ante-mão, cuja base é constituída pela parte inferior do pescoço até o peito limitando o ângulo oposto abaixo da cabeça quando ésta se encontra em sua posição natural, mais ou menos paralela à direção da espádua.

A-fim-de gravar na memória algumas medidas semelhantes, diremos ainda que:—

- a altura da cabeça é igual à sua metade tomada perpendicularmente à sua direção, em um terço de comprimento, atravessando o olho em F;
- o perfil da parte superior do pescoço até a canacha, é igual à metade da cabeça;
- a mesma dimensão é encontrada de L a D, seguindo o húmero desde a extremidade superior até o rádio;

— enfim, do joelho à corôa e do canto do olho à narina.

Eis aí, sumariamente, os detalhes que poderão ser obtidos na medição de numerosos cavalos, os quais permitem a constatação das mais verídicas proporções; entretanto, convem ter em vista que em a natureza do cavalo nada há de absoluto.

Daí se conclue que a palavra «proporções» não deve ser tomada sinão em um aplicação relativa, o que é admitido por todos os anatomistas.

A simetria comparada entre êsses detalhes, constituirá um conjunto, cujo resultado, embora possa não formar um modelo constantemente perfeito, dêle se aproximará aquele que reunir o maior número de perfeições.

ARTE

Uma vez exposta ésta parte das proporções, que interessa ao homem de cavalo, por que não abordar tambem a parte artística?

É o que faremos a seguir, no intuito de ilustrar o espírito do oficial de cavalaria e, principalmente, dos instrutores de equitação, que, segundo o Gen. L'Hotte, devem saber muito para ensinar mesmo os elementos da arte.

Realmente, nada mais verídico do que o sentido lapidar desta curta frase. E o instrutor digno dêsse nome não poderá estar alheio a tudo que se refira à sua arte, porque a todo o momento é assaltado com interrogações, daqueles que sinceramente querem aprender. Além disso, deve estar ao par dos clássicos, para poder escolher entre os seus princípios aquêles que mais convém na resolução de um ou outro caso.

Dito isto, passemos ao assunto.

Disse um grande autor:

«A maior desgraça para uma obra de arte é ser éla elogiada pela incompreensão».

Mas, se o artista se encontra no imperioso dever de dar aparência de realidade aos seus trabalhos, é lógico que êle se preocupe com a semelhança de suas representações, nada lhe interessando a opinião dos ignorantes.

Alguns artistas, entretanto, temerosos da crítica, almejam a beleza, esquecendo-se da ciência e, algumas vèzes, impressionando-se com esta fogem da estética.

No que concerne à representação do cavalo, escultores e pintores poderiam ter a sua tarefa facilitada, no estudo das proporções, principalmente no que concerne ao comprimento e espessura do pescoço, ou na altura do codilho e da rótula ao solo.

Para atestar éstas preocupações, que dominam o artista ciôso, poderíamos citar entre outros, o célebre Leonardo da Vinci, para o qual, o cavalo foi objeto de estudos.

E desde que estamos na antiguidade, porque não citar uma passagem entre Alexandre Magno e o célebre pintor Apeles?

Alexandre não satisfeito com um quadro representando Bucéfalo, reclamou ao artista. Apeles pediu-lhe então que trouxesse o cavalo para melhor comparação. Bucéfalo, ao ver o quadro relinçou e Apeles dirigindo-se a Alexandre exclamou:— Ao que parece Bucéfalo conhece mais vintura do que V. Majestade...

Essa intimidade entre Alexandre e Apeles pode parecer estranha, mas não é exagerada, quando sabemos que certa vez Apeles pedira a Alexandre que se calasse quando este queria discutir pintura, para não provocar os risos dos moços encarregados de preparar as tintas, ali presentes.

De tudo o que dissémos, conclue-se que o artista não deve, na representação de um cavalo, cingir-se a pedidos (embora resultantes de experiência bastante honesta, de trabalhos científicos) alem de certos limites; contudo deve imprimir a esses padrões o seu quinhão de beleza e de arte, empregando para isso uma relativa elasticidade, aliás, bem justificada.

Analisemos, pois, o cavalo sob o ponto de vista artístico, usando para tal o mesmo desenho que nos serviu de base ao estudo anterior, com o esboço das partes ósseas que nos interessam.

Aqui entraremos nos dominios de Colin, no livro intitulado *Physiologie Comparé*, Cap. I, páginas 243 e 252, 1.^a Edição.

Assim reafirmaremos que as pesquisas referentes à melhor definição da base da construção do cavalo, cujo contorno evidencie maior conhecimento de sua miologia e armação óssea, não é matéria descurada nem relegada a um plano inferior.

Colin, depois de acurados estudos, chegou a estabelecer as relações componentes do esqueleto do cavalo, tendo por base a igualdade dos dois ossos longos dos membros:— **RADIO** e **TÍBIA**.

Reportando-nos a escala precedente, vamos verificar que o comprimento do rádio é igual a linha B' a R';

— este mesmo comprimento é encontrado, da base do Rádio R à corôa, sob a quartela.

Nos membros posteriores:—

4

— na parte superior se encontra a mesma medida porque (T — R) da junção da tíbia com o fêmur, no centro da rotação deste com a bacia de F a U, ponta da anca;

— descendo da base da tíbia, centro do jarrete à extremidade do bolete, na canela.

A cabeça do cavalo também oferece, frequentemente, oportunidade para a aplicação d'êste comprimento do Rádio. Assim, ésta medida é encontrada:—

- da nuca N ao ponto A, extremidade mais saliente da ganacha;
- de A a B, extremidade dos lábios;
- de B a Z, canto interno dos olhos.

Já sabemos, também, que o comprimento do cavalo é de duas cabeças e meia; pois bem, levando-se em conta a obliquidade de L a I, em relação as horizontais H' P ou G' P', vamos notar que o rádio é contido quatro vezes nêsse comprimento.

Um cavalo bem construido, como desenho, pode também apresentar G' G — R, e a mesma medida de Y, ponta mais elevada da garupa a P' vertical extrema do quadrado.

Podemos acrescentar, ainda, que a altura da garupa é frequentemente igual à do garrote, embora seja preferida a elevação da garupa.

CENTRO DE ESTUDOS DO SERVIÇO DE SAUDE DA FÔRÇA PÚBLICA DE SÃO PAULO

Em setembro do corrente ano o Serviço de Saúde desta Fôrça completará 70 anos de atividades.

O «Centro de Estudos do Serviço de Saúde» que congrega seus médicos, dentistas e farmacêuticos programa uma série de simpósios a reunir-se entre 3 e 21 daquele mês; espera representações não somente dos Serviços de Saúde das Polícias Militares de todo o Brasil, como de outras organizações médicas, farmacêuticas e odontológicas dos vários estados da Federação, e bem como do estrangeiro. Pretende instituir diplomas e medalhas afim de perpetuar condignamente a lembrança de sua realização.

Os interessados devem dirigir-se por carta ao Centro, situado a Rua Jorge Miranda n.º 308 — em São Paulo, Capital.



Direção de Francisco V. Fonseca

ALAGOAS

INSATISFAÇÃO NO SEIO DA TROPA

Alguns fatos vêm causando mal-estar entre os milicianos, que aguardam providências urgentes de quem de direito. Entre tais fatos podemos citar: o acentuado atraso com que estão sendo pagas algumas peças do uniforme, o que obriga aos milicianos a adquiri-las com o seu já reduzido sôlido, espremido pela espiral inflacionária; e redução da assistência hospitalar (Quando o efetivo da PM era bem menor, contava ela com cinco médicos para assistir os milicianos e seus familiares; agora, que o efetivo é bem maior e que a então chamada Enfermaria da PM se transformou em Hospital, o número de facultativos estaria reduzido para dois).

Agravando as coisas, teria se dado um fato doloroso: um soldado de guarda à Penitenciária falecera em pleno serviço, sem que lhe fôsse prestada qualquer assistência.

CADETES ALAGOANOS NO CEARÁ E EM PERNAMBUCO

Decidiu a alta administração da Polícia Militar que, dos quinze aprovados no curso preparatório para o ingresso na Escola de Formação de Oficiais fôsem designados oito para frequentarem o curso correspondente da Polícia Militar de Pernambuco e os sete restantes para a milícia cearense.

Os novos cadetes alagoanos seguiram para os respectivos destinos no dia 7 de março último.

Eis aí uma iniciativa que, a nosso ver, merece os aplausos de todos os milicianos do Brasil, de vez que irá atender aos reclamos dos ideais policiais-militares. Sob o ponto-de-vista técnico, profissional e econômico a medida posta em prática pelo comando da PM alagoana só produzirá resultados positivos.

OFICIAL E DOIS SARGENTOS NOS BOMBEIROS DE FORTALEZA

Decidiu ainda o comando da milícia enviar à Fortaleza, a fim de realisar um estágio no Corpo de Bombeiros daquela capital, um oficial e dois sargentos da sua corporação.

BAHIA

PM COMEMOROU O 17 DE FEVEREIRO

Com a presença de altas autoridades civis e militares, foi comemorada, no dia 17 de fevereiro, com vasto programa, que teve início pela manhã, na

Vila Militar do Bonfim, a passagem do 137.º aniversário de criação da Polícia Militar.

Compareceram à solenidade o sr. Orlando Moscozo, vice-governador do Estado (representando o governador Juraci Magalhães, na ausência deste), o secretário da Segurança Pública, sr. Rafael Cincurá, que fez entrega do novo e belo estandarte da PM ao cel Antônio Medeiros Azevedo, comandante geral da milícia, além de oficiais das Forças Armadas.

Na parte da manhã as solenidades foram realizadas à frente dos monumentos, onde se deu a leitura do BG-C, pelo chefe do Gabinete, além de homenagem aos oficiais e praças mortos no cumprimento do dever, colocação de coroa de flôres naturais no pedestal do "Monumento da VS — ao Soldado Anônimo da PMB". Em seguida realizaram-se a bênção do Estandarte e a do Pavilhão, pelo Capelão Militar, e a respectiva incorporação à tropa.

Na segunda parte do programa houve desfile da Cia. RS, em continência às autoridades e, na capela Nossa Senhora das Graças, da Vila Militar, foi celebrada missa festiva, pelo Capelão Militar.

Logo após todos se dirigiram ao Clube dos Oficiais da Polícia Militar, aos Dendezeiros, onde foi inaugurada a exposição da "Prova de Sobrevivência nas Caatingas do Nordeste — Operação Mandacaru"; seguiu-se um "show" pelo Trio Nordestino, sendo finalmente servido um coquetel aos presentes.

À noite, ainda no Clube dos Oficiais, realizou-se baile de comemoração.

CRIADO O DEPARTAMENTO MILITAR DE SEGURANÇA PÚBLICA

Dando corpo ao trabalho elaborado pelo ten cel Durval Carneiro da Silva, acaba o governador Juraci Magalhães de transformar a Diretoria de Policiamento Ostensivo em Departamento Militar da Segurança Pública nomeando, para a chefia do novo órgão, o cel João Crisóstomo dos Passos Filho.

À posse do cel Crisóstomo, que teve lugar no dia 16 de março último, compareceram, além do representante do governador Juraci Magalhães, o secretário da Segurança Pública, sr. Rafael Cincurá, o comandante da PM cel Antônio Azevedo, o secretário da Educação sr. Wilson Lins, o eng. Armando Viana de Castro, diretor geral do DERBA, oficiais da PM e convidados.

A transmissão do cargo foi feita pelo major Ismael Trindade, que vinha chefiando o DMSP desde a sua criação.

FINALIDADE

O novo chefe do DMSP adiantou que de acordo com o regulamento, nos casos de mobilização do pessoal da PM, a serviço da União, em tempo de guerra externa ou civil, o Departamento fornecerá ao Comando Geral dados e informações que o possibilitem prestar eficiente colaboração ao Exército.

Cabe ainda ao DMSP coordenar o apóio da Polícia Militar à Polícia Civil, no policiamento atribuído à Corporação, pela secretaria da Segurança Pública.

Manterá rigoroso controle das rodovias e ferrovias federais, estaduais e municipais, na Bahia, a fim

de ficar a par das condições de cada comunicação. Também será da sua alçada a parte relativa aos inquéritos policiais-militares.

Aparelhamento

Estão sendo adquiridos máquinas fotográficas, gravadores, máquinas de filmar e fotostática além de outros instrumentos técnicos necessários ao funcionamento do Departamento. Para as diligências serão aproveitadas as viaturas da PM.

RIGOROSOS OS EXAMES NO DEPARTAMENTO DE INSTRUÇÃO

Dos 95 candidatos ao Curso de Sargentos, somente 18 obtiveram classificação; para o Curso de Cabos, dos 264 inscritos, apenas lograram aprovação 50 candidatos; e, dentre os 162 candidatos ao Colégio da Polícia Militar, somente 35 obtiveram resultado positivo no exame de admissão.

Os números acima apresentam os maiores índices de reprovação registrados na Polícia Militar, segundo informações prestadas pelo ten. cel. Druval Carneiro da Silva, diretor do Departamento de Instrução.

ERRADO: PM OMITIU-SE NA FONTE NOVA

Sabe-se que a PM não compareceu ao estádio da Fonte Nova, na capital bahiana, no dia 25 de fevereiro último. Ignoramos o motivo porque o fez. Pode ser que ela tenha carradas de razão, no sentido doméstico. Todavia, entendemos que tenha errado, ao se omitir na execução de uma missão que é sua, puramente miliciana. Desnecessário

será dizer que os camaradas bahaianos se erigiram num dos maiores baluartes em defesa dos ideais contidos no Projeto Ulisses Guimarães. Não há compreender, portanto, o cochilo. E convém lembrar que os usurpadores das nossas funções policiais estão de bocarra aberta, pronta para engulí-las.

AUMENTO QUE GOVERNO PROPÓS A PM NÃO SATISFEZ

Em face da mensagem governamental versando sobre o aumento de vencimentos do pessoal da PM movimentaram-se os elementos da milícia, tendo à frente o seu comandante, cel Antônio Medeiros de Azevedo e, de modo especial, o Clube dos Oficiais, já que as tabelas constitutivas daquela mensagem não satisfaziam o mínimo de aspirações dos milicianos.

Por isso Juracy vai dar mais

Segundos entendimentos havidos entre o chefe do Executivo e o cel Antônio Azevedo, o primeiro comprometeu-se a conceder novo aumento, ainda neste semestre, fazendo esmorecer a luta que vinha sendo travada em razão da mensagem governamental.

Em carta-resposta ao ten cel Florisvaldo Neves da Silva, presidente da assembléia geral do Clube dos Oficiais, assim se expressou o governador Juracy Magalhães:

«O atual aumento proposto deve ser votado, no meu modo de ver, tal qual se encontra na mensagem, ou pelo menos dentro do quantum da despesa nova atribuída ao erário, sem compensação de receita. Mais adiante este problema será fatalmente revisto, pois os acréscimos de vencimentos do funcionalismo fe-

deral irão determinar mais um agravamento na espiral inflacionária, impondo ao Governo, novo reajustamento de vencimento dos funcionários e trabalhadores do Estado.

Esteja certo, porém, o digno órgão de classe sob sua presidência, que, espontaneamente zelarei sempre na defesa dos interesses dos elementos da nossa gloriosa Polícia Militar, dos quais me considero um irmão de armas».

CEARÁ

TENENTE ESTUDARÁ CRIMINOLOGIA EM SÃO PAULO

No dia 2 de março passado, seguiu para S. Paulo, por via aérea, o 1.º ten Mauricio Castro e Souza, ajudante de ordens do governador Parsifal Barroso, que permanecerá na capital bandeirante durante três anos, fazendo o curso de Criminologia da Escola de Polícia de S. Paulo.

Revelando a preocupação dos atuais dirigentes da PMC, visando a criar condições para o aprimoramento técnico-profissional da milícia, quatro outros oficiais e dois sargentos já lá se encontram, estagiando na Força Pública.

GUANABARA

UNIFICAÇÃO ... SERÁ QUE SAI?

Volta-se agora a falar na unificação das polícias cariocas. Segundo informações do chefe de Polícia Segadas Viana, foi criado, pelo go-

vêrno da Guanabara, um grupo de trabalho que elaborará um projeto de lei a ser enviado oportunamente à Assembléia Legislativa, visando àquela unificação

Detalhes como a adoção de um só uniforme e aspectos administrativos da nova corporação, estão sendo submetidos a estudos por uma comissão integrada pelos sr. Silvio Ribeiro Ferreira, diretor da Guarda Civil; cel Deschamps Cavalcanti, diretor da Polícia de Vigilância; e por um assessor de gabinete do sr. Carlos Lacerda, já se encontrando os trabalhos bastante adiantados.

Unifica ... mas não unifica

Tôdas as polícias de farda da Guanabara deverão formar um só grupo, com a denominação de «Força Policial da Guanabara». Este será formado pela fusão da Guarda Civil, Polícia de Vigilância, Rádio Patrulha Serviço de Trânsito. Todavia, ficarão fora da fusão a Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros; não entrarão para a novo organismo. Daí não se poder chamar de unificação, porque unificar é reunir num todo as corporações policiais; elas não se transformarão num só corpo; não se tornarão unas. Além disso, sabe-se que há muitas outras corporações — policinhas e polícias — de cuja inclusão não se falou, até agora. Por que o silêncio

em tórno das polícias do Cais do Pôrto, da Central do Brasil, da Leopoldina, Rodoviária, Florestal, do Fôro, Ministério da Fazenda, Guarda Noturna e outras? Aguardemos a «unificação».

ESCOLA DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS

Por decreto de 27 de fevereiro, foi alterado o Regulamento da Escola de Formação de Oficiais. As vagas para a matrícula naquele estabelecimento serão preenchidas pelas praças da Polícia Militar que contem mais de um ano de serviço, «sujeitas estas a tôdas as condições exigidas para o ingresso na Escola, com excessão do estado civil».

COMANDANTE NÃO QUER FEDERALIZAÇÃO

Falando a um vespertino carioca, no dia 13 de fevereiro o cel Edson de Moura Freitas, comandante da Polícia Militar, declarou não ver nenhuma vantagem na federalização da Polícia Militar. E aduziu: «Aqui as nossas possibilidades são bem mais amplas, com relação à expansão da nossa corporação, independente das possibilidades de conseguirmos melhor meio de vida com o governador do Estado. Na nova capital estaremos fatalmente relegados a um segundo plano em virtude das prováveis funções que nos serão atribuídas, entre as quais a de enviar batalhões para as fronteiras e territórios, que são imensos e necessitam com urgência de patrulhamento».

...MAS COMANDADOS A DESEJAM

Sabemos que o Círculo dos Oficiais da Polícia Militar (COPOM)

é uma entidade atuante e representativa dos Oficiais e tem se manifestado ao lado de outras associações da milícia carioca, pela sua federalização.

Em assembléia geral, realizada no dia 23 de fevereiro o COPOM decidiu firmar sua posição sôbre a federalização da PM, qual seja a de lutar no sentido de obter a aprovação e sanção do projeto de lei que restabelece a Polícia Militar do Distrito Federal, já que o mesmo atende às conveniências da União, da Guanabara e do pessoal transferido para a jurisdição estadual, ao admitir que os servidores possam optar pelo serviço da União ou da Guanabara.

ESPÍRITO SANTO

MONUMENTAL GINÁSIO CONSTRÓI A PM

Ao lado do seu quartel, em Maruípe, a PM vem construindo um grande ginásio, empreendimento que dotará não só a milícia como também o desporto capixaba de uma obra de grande vulto, vindo a preencher enorme lacuna.

Ao empreendimento não faltou entusiasmo do cel Tércio Moraes e Sousa, comandante geral, bem como o apóio do governo estadual. Toda a milícia se sente orgulhosa da grande obra, para todos procuram colaborar, destacando-se os céis Alfredo Barroca (antigo representante de MILITIA») e Francisco Pereira da Silva .

A construção

Restando apenas a cobertura de alumínio, entrará o ginásio em fase

de acabamento. Possui dez apartamentos e quatro salas maiores, tudo com os requisitos exigidos para o alojamento de delegações visitantes, de vez que é pensamento do alto comando da milícia promover o intercâmbio esportivo e profissional com as outras milícias. Sua capacidade é de 1.500 espectadores sentados (arquibancadas e gerais), dispondo também de cabines de rádio, dois bons vestiários, tribuna para as autoridades, tabelas de vidro e outros requisitos à altura de uma moderna praça de esportes. Sua cobertura, sustentada por oito aros de aço, será de alumínio estanhado, última palavra no assunto, de vez que, embora absorvendo calor não aquece, o que proporcionará um ambiente sempre ameno, propício à prática dos esportes.

MINAS GERAIS

55 NOVOS VEICULOS PARA A PM

A frota de veículos da Polícia Militar foi reforçada com a recente aquisição de 55 novos veículos. São 14 caminhões «Mercedes Benz», 2 carros de prêsos, 1 «pick up», 1 rural, 18 jipões, 16 jipes modelo universal, 1 ambulância e 2 ônibus. Tal equipamento faz parte do programa do atual governo, em atender a uma das aspirações da milícia.

Os novos veículos desfilaram no dia 8 de fevereiro último, sob o comando do major João de Oliveira, em frente ao Palácio da Liberdade.

ELEITA NOVA DIRETORIA DO CLUBE DOS OFICIAIS

Tiveram lugar, no dia 15 de março último, na sede do Clube dos Oficiais, as eleições para a escolha da nova diretoria para a entidade. Três chapas foram apresentadas, saindo vitoriosa a encabeçada pelo cel Raul Chaves Mendes. Os demais membros que mereceram a preferência dos seus camaradas, foram: ten cel José Guilherme Ferreira (1.º vice), ten cel Antônio Costa Dias Filho (2.º vice), cap Jaci de Almeida Praxedes (1.º secretário), 1.º ten Walfrido de Oliveira (2.º secr.), 1.º ten Francisco de Oliveira Marino (1.º tesoureiro), 1.º ten Armindo Ramires Brito (2.º tes.) 1.º ten Josué Arruda Carvalho (orador), major José Ortiga diretor do dep. cultural), major Milton Campos (diretor do dep. recreativo), 1.º ten Waldir Soares de Sousa (diretor dep. desportivo). Suplentes: cap Italo Quellótti, 1.º ten Segismundo Nonato Guimarães e 2.º ten Carlos Alberto Boffa. Conselho Fiscal: céis Oswaldo Heleodoro dos Santos, Raimundo Pereira da Silva e Rodolfo Soares de Sousa, major Antenor Dias de Almeida e cap. José Gonçalves Moreira. Conselho Deliberativo: céis Afonso Barsante dos Santos e José de Oliveira, ten cel Pascoal Silvestre e majores Milton Campos e Raimundo Chagas.

CLUBE DOS OFICIAIS TERÁ

COLÔNIA DE FÉRIAS

O Clube dos Oficiais vai instalar uma colônia de férias na praia de Itaipu, no litoral fluminense, local que foi visitado por uma comi-

ção de oficiais, visando a transformar em realidade velho anseio da entidade. As condições topográficas, e climáticas, bem como a distância de Belo Horizonte, atendem ao desejado. Com a eleição do cel. Raul Chaves Mendes para a direção do Clube tem-se a certeza de que o objetivo será alcançado, graças à apreciável folha de bons serviços prestados à corporação. O comandante da PM cel José Meira Júnior vem dando franco apoio ao empreendimento.

OFICIAIS BAHIANOS VISITAM BELO HORIZONTE

Em viagem de estudos e de intercâmbio, estiveram em Belo Horizonte, em março passado, ali permanecendo alguns dias, os cel Tescon Rodrigues Nogueira e ten cel Floriswaldo Neves da Silva, ambos da PM da Bahia, este último diretor do Departamento de Ensino e presidente do Clube dos Oficiais daquela co-irmã.

Os ilustres visitantes foram hóspedes do cel José Geraldo de Oliveira, comandante do DI da Polícia Militar, e visitaram diversas unidades da milícia, observando os seus métodos de funcionamento e orientação.

COLÉGIO TIRADENTES SE Ex- PANDE

Merece destaque o que vem sendo realizado pelo major Argentino Madeira, à frente do modelar Colégio Tiradentes, da PM. Planeja-se a efetivação de 5.000 matrículas, tão logo sejam concluídas as obras de novas salas de aula. Este ano foi intensa a procura de vagas nas di-

versas séries do estabelecimento. Muito antes de findar-se o prazo das matrículas, tôdas elas estavam preenchidas.

CAPITÃS DO PIAUI FAZEM CURSO NA PM

Acham-se em Belo Horizonte, fazendo o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais da PM, no DI, os seguintes capitães da milícia piauiense: José Clemente de Flores, Hudson Prado da Cunha, Edmo Carvalho de Almeida, Plínio Clerton e Vilemar Rodrigues.

ATRITO ENTRE CORONEIS GERA CRISE NA PM

Crise de certa gravidade surgiu na milícia de Tiradentes, com tendências para evoluir com aspectos imprevisíveis, em face de um movimento visando à substituição do então comandante. Como se sabe, desde fevereiro último, os céis Eurico Mafra e Meira Júnior, respectivamente chefe da Casa Militar e Comandante Geral da PM, achavam-se em divergência por motivo ligado ao critério adotado pela atual comissão de promoções da milícia. Em consequência de uma reclamação feita ao governador sobre o assunto, o cel Mafra havia sido punido com detenção por dois dias. A partir daí as divergências se acentuavam dando ensejo a que se formassem duas correntes antagônicas entre os oficiais. O cap Jaci Barbosa, que se encontra à disposição do secretário do Interior, dirigindo as Escolas «Caio Martins», endereçou telegrama ao governador, solidarizando-se com o cel Mafra. Foi punido (30 dias de prisão) pelo cel Meira Júnior.

SUBSTITUIDOS OS CÉIS MEIRA E EURICO MAFRA

Em face dos acontecimentos relatados, a 18 de março foi concedida exoneração ao cel Eurico Mafra e, no dia seguinte, a do cel José Meira Júnior. Sem considerar a questão pelo seu mérito, o governador resolveu a querela entre os dois coronéis por uma hábil forma política, de maneira a quebrantar possíveis explorações nos setores da respectiva influência dos dois chefes.

Para a substituição daqueles oficiais é que Magalhães Pinto ainda mais utilizou a sua habilidade político-administrativa: foi buscar dois bacharéis, dois chefes capazes de se constituírem em denominador comum das aspirações milicianas. Para o comando da PM, foi o cel José Geraldo de Oliveira; para a Casa Militar, o cel Lauro Pires de Carvalho.

QUEM É O NOVO COMANDANTE

Cel José Geraldo de Oliveira— Nasceu em Bom Despacho, em 1914. Fêz o curso primário em sua terra e o secundário em Congonhas do Campo, no Colégio dos Padres Redentoristas. Transferiu-se para a Holanda, em 1933, onde fêz, no seminário, o Curso de Filosofia, retornando ao Brasil em 1935. Nesse ano foi contratado como 2.º ten professor para a Escola Regimental do 7.º Batalhão, em Bom Despacho. Em 1937 exonerou-se, para verificar praça naquele mesmo Batalhão, a fim de cursar o Departamento de Instrução, onde se matriculou, em 38. Completando o curso foi declarado aspirante em dezembro de 40.

Passou a ocupar vários postos de destaque, enquanto cursava a Faculdade Direito. Comandou o 10.º Batalhão, em Montes Claros; e o Batalhão de Policiamento Ostensivo, em Belo Horizonte. Foi assistente militar do secretário do Interior e, a 21 de agosto de 1961, foi designado para dirigir o Departamento de Instrução, de onde agora saiu, para comandar a Polícia Militar.

PARANÁ

CLUBE DOS OFICIAIS TEM NOVA DIRETORIA

Embora com a falta de outros detalhes especialmente ao que se refere aos demais membros da diretoria, tivemos notícia de que o cel Washington H. de Moura Brasil foi eleito e empossado na presidência do Clube dos Oficiais da Polícia Militar.

PARAÍBA

NOVA TABELA DE VENCIMENTOS

Sancionado pelo Poder Executivo, entrou em vigor a lei que determina os novos níveis para o pessoal da Polícia Militar, que são os seguintes: coronel, 34.000; tenentes coronel, 30.000; major, 26.000; capitão 24.000; 1.º tenente, 22.000; aspirante, 17.500; subtenente, 15.700; 1.º sargento, 13.900; 2.º sargento, 12.100; 3.º sargento, 10.500; cabo especialista, 6.600; cabo de fileira, 6.400; soldado 6.200.

Vantagens: etapa de alimentação, 1.800 mensais; adicional, de 15 e 25%: salário espôsa e filho. Diárias: oficial superior, 700; oficial intermediário e subalterno, 600; subtenentes e sargentos, 350; cabos e soldados, 250.

FIXAÇÃO PARA 1962

Polícia Militar: 103 oficiais e 2.257 praças.

Corpo de Bombeiros: 15 oficiais e 122 praças.

OFICIAIS EM APERFEIÇOAMENTO

Acham-se em Salvador, estagiando junto à Polícia Militar da Bahia, para a aquisição de novos conhecimentos de técnica policial, os primeiros tenentes Antônio Costa Filho e Lindemberg da Costa Patrício.

No Rio de Janeiro, fazendo o Curso de Técnica Geral do Ensino, do Exército Brasileiro, encontra-se o 1.º ten Jorge Pereira de Lucena.

POLICIAMENTO OSTENSIVO

Foi criado pelo govêrno do Estado, com efeito de 140 homens, o Policiamento Ostensivo da capital, (sistema de dupla «Cosme-e-Damião»), sob o comando do cap Iva-nilo Lopes Lordão, tendo como auxiliar o 2.º sargento Euclides Gonçalves Bandeira. Trata-se de modalidade de policiamento muito bem recebida pela população pessoense, que vê, assim, aumentada a sua segurança.

CRIADO MAIS UM BATALHÃO

Vem de ser criado pelo govêrno estadual o 3.º Batalhão de Polícia,

devendo ser instalado na cidade de Sousa ou na de Patos, ainda no corrente ano.

POLÍCIA DE TRÂNSITO

Em face dos entendimentos havidos entre o cel Renato Macário de Brito, comandante geral da milícia, e o diretor geral do Trânsito, passaram à disposição da Inspetoria de Trânsito vários soldados da Polícia Militar, a fim de atuarem como guardas de trânsito.

PERNAMBUCO

REEQUIPA-SE O CORPO DE BOMBEIROS

Estão prestes a chegar ao Recife cinco carros bomba-tanque, adquiridos pelo govêrno estadual, na Alemanha, para reequipamento do Corpo de Bombeiros. Trata-se material «Metz», altamente especializado. A demora de sua entrega tem como causa a grande procura de carros daquela marca, em todo o mundo, por isso que os seus fabricantes não puderam fazer a entrega, de pronto. Todos são carros bomba-tanque, isto é, possuem os seus próprios tanques e bombas capazes de jogar o jato d'água. Um deles lança pó, para a luta contra fogo de combustível.

Tôrre inaugurada

Com a presença do govêrnador Cid Sampaio, foi inaugurada, no dia 10 de fevereiro próximo passado, uma tôrre de treinamento para o Corpo de Bombeiros. Com a altura de 18 metros, além de servir para o treinamento dos soldados do fogo, a tôrre possui uma caixa d'água com capacidade para 24.000 litros.

RIO GRANDE DO SUL

COLÔNIA DE FÉRIAS DA BM — MELHORAMENTOS —

Já se acha em pleno funcionamento a colônia de férias da Brigada Militar, localizada em Tramandaí. Desde 1958 a colônia de férias vem abrigando os elementos da Força, que veraneiam naquele balneário, usufruindo as vantagens oferecidas pela colônia, que conta com um armazém de Serviço de Subsistência, visando fornecer mais barato os gêneros de primeira necessidade para os veranistas brigadianos.

Conta também com uma estação de rádio, que está em permanente contacto com a capital, prestando serviços não só aos elementos da BM, como ao público em geral. Comunicações de urgência são feitas freqüentemente para qualquer veranista, que dela necessitar. Basta dirigir-se à colônia localizada à rua Ubatuba de Férias, que será prontamente atendido.

A colônia de férias abriga também os elementos encarregados de policiamento das praias.

Agora ela vem de passar por melhoramentos que ampliarão a sua capacidade de atendimento.

O ato de inauguração dos melhoramentos contou com a presença do ten cel Solon Pelanda Franco, representando o cel Diomário Mojén e inúmeros brigadianos e convidados. Saudando os visitantes falou o cap João Aldo Danesi, encarregado da Colônia e representante de «MILITIA» na BM.

GRÊMIO DO RBG TEM NOVA DIRETORIA

Eleita a 22 de Janeiro último, tomou posse a nova diretoria do Grêmio dos Subtenentes e Sargentos do Regimento «Bento Gonçalves», que assim ficou constituída: presidente, subten Rivadávia Ribas — vice-pres., subten Manoel de Oliveira — 1.º secr., sgt Edilson Valério Tomás — 2.º secr., Sgt Lourenço Ramos — 1.º tes., sgt Nativo Madeiros da Silva — 2.º tes., sgt Alcindo Silveira Costa — diretor social, sgt Pedro Pereira — diretor esportivo, sgt Valdomiro Souto.

BRIZOLA PROFERIU CONFERÊNCIA NA BRIGADA

Conforme estava programado, realizou-se, no dia 2 de março último no CIM da Brigada Militar, a reabertura das salas dos diversos cursos que funcionam naquele estabelecimento.

No ginásio de esportes, diante de altas autoridades, o governador Leonel Brizola proferiu a aula inaugural discorrendo sobre o tema «A inflação, ciclo e efeitos de após-guerra» e «Reforma agrária», prendendo a atenção, durante cerca de duas horas, da numerosa assistência que afluiu ao CIM.

Ao ato compareceram os gen Pery Constant Bevilacqua, comandante da 3a. RM; cel Aldo Ladeira Libeiro, presidente da Corte de Apelação da JME; cel Diomário Mojén, comandante geral da BM; comandantes de corpos, chefes de serviços, oficiais, sargentos e convidados especiais, além dos alunos dos

curso de Aperfeiçoamento e de Formação de Oficiais e de Sargentos. Os fragrantos foram apanhados na oportunidade.



RIO DE JANEIRO

SARGENTOS REINVINDICAM 40% DE RISCOS DE VIDA

Os sargentos e subtenentes da PM recusaram, no dia 27 de março último, proposta do governador Celso Peçanha, de adiar para o término do seu mandato o envio de mensagem à Assembléia, concedendo

gratificação de 40%, por risco de vida, aos elementos da PM. Além disso, decidiram intensificar a campanha em favor de tal reivindicação.

Numa tentativa de forçar o governador a atender ao que pleiteiam, a Associação dos Subtenentes e Sargentos decidiu, em assembléia, dar combate espontâneo aos jogos de azar, especialmente os praticados em cassinos. À noite, iniciaram a procura de um juiz que se dispusesse a acompanhá-los, para autuar casas de jogos que pretendiam fechar. «Precisamos agradecer ao sr. Celso Peçanha para obter o atendimento da reivindicação; por isso resolvemos prestar essa colaboração graciosa, sem despesas para o Estado» — disse o presidente da Associação — «... já que o governador sempre alegou desconhecer a existência de jôgo no Estado».

OFICIAIS APÓIAM

Nesse interim inúmeros oficiais estiveram na Assembléia Legislativa para manifestar o seu apóio aos sargentos. «Aqui estamos para demonstrar aos ilustres representantes do Estado do Rio que o ponto de vista esposado pelos nossos subordinados é, neste particular, aquêle mesmo por nós abraçado. Nesta hora não pode haver distinção entre dirigentes e dirigidos».

TAMBEM O CLUBE DE OFICIAIS E COMANDO DA PM

Incorporada e tendo à frente seu presidente, major Antônio Medeiros Dezerto, além do comandante Túlio Madruga, a diretoria do

Clube dos Oficiais da PM visitou, no dia 28 ao governador Celso Pecanha.

Na oportunidade, o cel Túlio Madruga, falando em nome da corporação, fez apêlo ao chefe do Executivo estadual, para que olhasse com carinho a reivindicação do risco-de-vida, que vem sendo pleitado pelo pessoal da PM. Respondendo, o governador declarou que os estudos estão sendo feitos, e logo que a paz volte a reinar no Legislativo enviará mensagem à Assembléia. Alongando-se em outras considerações, o sr. Celso Pecanha evocou as tradições e o espírito de disciplina da Polícia Militar fluminense, na qual confia — disse — para assegurar aos fluminenses a paz e a tranqüilidade de que tanto necessitam. Por último, o cel Túlio Madruga designou o presidente do Clube dos Oficiais da PM major Dezerto, para acompanhar junto ao chefe da Casa Civil do governador, os estudos que estão sendo procedidos quando ao risco-de-vida.

«BLITZ» CONTRA O JÓGO, NO ESTADO DO RIO

A evolução do movimento reivindicatório dos milicianos fluminenses culminou com uma original e sensacional campanha contra o jôgo, empreendida pela Associação dos Subtenentes e Sargentos da Polícia Militar — que não deixa de ter o seu aspecto pitoresco — sobre a qual daremos, na próxima edição, um amplo relato colhido no noticiário sobre os acontecimentos.

SANTA CATARINA

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ABERTAS AS MATRÍCULAS PARA PROFESSORES

25 vagas para civis

Além dos elementos da corporação, decidiu o comando da PM estender as matrículas do corrente ano a candidatos civis que, uma vez aprovados no Curso de Instrutor de Educação Física da Escola da Polícia Militar, receberão o diploma de professor de educação física. Este documento lhes ortogará o direito, conforme acôrdo entre a milícia e a secretaria de Educação e Cultura, a ingressar no cargo inicial da carreira de professor de educação física do Estado, após registro naquela secretaria.

NOVA ESTAÇÃO DE RÁDIO PARA A PM

Inaugurada pelo governador

O governador Celso Ramos inaugurou, no dia 2 de fevereiro último, a nova Estação Rádio Central do Serviço de Comunicações da PM

Consta o equipamento em apreço de um moderno transmissor PEB Byt 250 W, com comando à distância, que centraliza o serviço de toda rede de 50 estações de PM, instaladas nos diversos municípios do Estado, mantendo ainda comunicação com quase todos os demais Estados da Federação.

Trata-se de mais um melhoramento da atual fase de empreendimentos que caracteriza a administração realizadora do comando Lara Ribas, com o decidido apoio do governador Celso Ramos.

MISSÃO INSTRUTORA

Oficiais paulistas atuando na milícia barriga-verde

Além dos Cap Fernando Thiele de Figueredo e 1.º ten Othon Fernandes de Oliveira e Silva, oficiais da Força Pública bandeirante, já integrando, há algum tempo, a Missão Instrutora para o aprimoramento técnico-profissional dos milicianos catarinenses, chegou a Florianópolis, em março último, o 1.º ten Jorge Torok, do Corpo de Bombeiros da milícia paulista. Este oficial, que pertenceu à Cia. Independente de Bombeiros, de Santos, SP, atendendo a convite do cel Lara Ribas, comandante da PM catarinense, está colaborando no preparo de elementos que irão constituir a primeira unidade especializada em polícia de praia e salvamento.

MILICIANOS EM OUTROS ESTADOS

Seguiram para S. Paulo, no dia 13 de março p. passado, os 2.ºs tens Ronaldo Américo Schimdt e Paulo do Nascimento Muller, que irão freqüentar, na Polícia Técnica bandeirante, o Curso Intensivo sobre locais de crime, em convênio com o Ponto IV.

Sargentos na Guanabara

Por outro lado, seguiram para a Guanabara, onde realizarão estágio de aperfeiçoamento junto ao Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, os sargentos Gonçalves Maurício Cândido e Eurides Manuel da Silva.

Cap. Hugo de Sousa em Santos (SP)

Paralelamente às medidas visando à criação do serviço de salvamento nas praias catarinenses, em boa hora determinada pelo governo do Estado, seguiu a Santos, onde estagiou na Cia. Independente do Corpo de Bombeiros, da milícia paulista, o cap Carlos Hugo de Sousa, que ali adquiriu os conhecimentos básicos e indispensáveis ao comando de uma fração especializada. Travou êle conhecimento com os métodos modernos de salvamento, prática de respiração artificial, recuperação de vítimas no local de socorro, movimentos de marés e manêjo de equipamento especializado.

Cabe à nossa indústria automobilística a glória de haver rompido a barreira contra a introdução de artigos manufaturados brasileiros no mercado platino. Após penosas negociações, os argentinos concordaram em adquirir 550 ônibus de produção nacional, para substituírem os calhambeques que trafegam pelas ruas de Buenos Aires, o que representa uma vitória, não só para a nossa indústria automobilística, mas para a indústria brasileira em geral.

Nossos representantes

Acre (GT)

RIO BRANCO — Q.G. sgt José da Costa Torres

Alagoas (PM)

MACEIÓ — Q.G. Cap Sebastião Ribeiro de Carvalho

SAO BRAZ — Dest Policial — sgt José Pereira da Silva

Amapá (GT)

MACAPÁ — sede ten Uladih Charone

Amazonas

MANAUS — Q.G. mj José Silva

Bahia (PM)

SARVADOR — Palácio da Aclamação maj. Franklin de Queirós

Corpo Musical de Bombeiros — cap Alvaro Albano de Oliveira

IHEUS — 2.º BC cap. Horton Pereira de Olinda

JUAZEIRO — 3.º BC — Cap Salatiel Pereira de Queiróz

Ceará (PM)

FORTALEZA — QG maj. Delidio Pereira

Distrito Federal (DFSP)

BRASÍLIA — mj Paulo Monte Serrat Filho

Espírito Santo (PM)

VITÓRIA — QG cap Jefferson G. Sarmento

Goiaz (PM)

GOIANA — cap Hozanah de Araujo Almeida

Guanabara (PM)

GUANABARA — QG cap Luiz Alberto de Souza

RC — ten Erany Alves Brito

6.º BI — ten Ênio Nascimento dos Reis

C Bombeiros — ten Fernando Machado

Maranhão (PM)

SAO LUIZ — QG cap Euripedes Bezerra

Mato Grosso (PM)

CUIABÁ — Cmdo Geral e 1.º BC ten Pernúfio da C. Leite Filho

CAMPO GRANDE — 2.º BC ten Edgar A. de Figueiredo

PONTA PORÁ — 2.a cia/2.º BC sgt Francisco Romeiro

Pará (PM)

BELEM — QG Maj Walter da Silva

Paraná (PM)

CURITIBA — QG ten Edson Graeser

Paraíba (PM)

JOAO PESSOA — QG cap. Sebastião Salustiano Serpa

Pernambuco (PM)

RECIFE — Quartel do Derby maj Olinto E. Ferraz

Piauí (PM)

- TERESINA — QG ten Raimundo C. de Vasconcelos
- Rio de Janeiro (PM)
- NITEROI — QG cap Ademar Guilherme
- Rio Grande do Norte (PM)
- NATAL — QG ten José G. Amorim
- Rio Grande do Sul (BM)
- PORTO ALEGRE — QG cap Aldo Danesi
- LIVRAMENTO — 2.º RP Mont — ten. Alcino Renato Patzinger
- PASSO FUNDO — 2.º BP Cap Wilson Assis Ferreira
- Santa Catarina (PM)
- FLORIANÓPOLIS — QG cap José Fernandes
- CANOINHAS — 3.º BMP — cap Edgar C. Pereira
- Sergipe (PM)
- ARACAJÚ — QG cap Renato de Freitas Brandão
- São Paulo (FP)
- CAPITAL — QG ten Arlindo Picoli
- BG ten Orlando Menezes
- C Bombeiros 1.º ten Luiz Sebastião Malvásio
- Ag Aux. ten Célio Pereira de Oliveira
- 2.a Zona Asp José Lustosa Caribé
- 3.a Zona Asp Hélios Barbosa Nunes
- R C ten Reinaldo Martins Navarro
- C F A ten Horacio Bozon
- E E F ten Nestor Soares Públio
- 1.º BP ten Camilo Dias dos Anjos
- 2.º B P ten Alberto Augusto Gaspar
- 9.º B P ten Francisco Rodrigues
- 10.º BP Cap Sadoc Chaves Simas
- 11.º BP ten Miguel Sétimo Gianôni

NOVO ENDERÊÇO

Não deixe de nos comunicar o seu novo enderêço — Preencha o cupom abaixo remetendo-o à **MILITIA** — Rua Alfredo Maia n.º 106 — São Paulo.

Nome

Pôsto R.E. Unidade.....

Rua N.º

Cidade Estado

Não escreva carta — Preencha apenas o cupom

12.º BP asp Sérgio Pereira
 Cia P Rodoviária — ten Iraí Messias Carneiro
 CP Florestal cap Mario Timóteo Montemor
 Presidio Militar ten Tomaz Marques
 Serviço de Saúde — Cap. Raul Ximenes Galvão
 S Fundos ten Jonas Simões Machado
 S Intendência cap Alvaro Julio P. Altmann
 S Transporte e Manutenção ten José Varela
 S Subsistência ten Aldrovaldo Sanches
 Tipografia ten Albertino Sacogne
 Corpo Musical subten José Romeu
 Caixa Beneficente — cap Osvaldo Luiz Pereira
 Cruz Azul — Hospital, Maternidade e Ambulatório — ten Nestor
 Batista da Silva
 Centro Of. Res. da F.P.S.P. — Cel. Agenor de Almeida Castro
 Centro Social dos Subten. e Sgt. — José Saturnina
 Centro Social dos Cabos e Sds. — Sd. Evilásio Barrosa Torres
 Centro de Estudos do S. Saúde — maj. Silvio Ernesto J. Marino
 Ass. dos Rfm. e da Reserva de Rib. Preto e Região — Ten.
 Benedito Balbino
 Centro Acadêmico XV de dezembro — al of Darcy Vilela Costa
 Cooperativa da FP — sgt Benedito Torres Lozano
 ARAÇATUBA — 2.a cia/4.º BP ten Paulo Rodrigues
 ARARAQUARA — 13.º BP ten José Darci Cezar Cerciar
 ten Valdomiro Cristiano
 BARRETOS — 1.a cia/3.º BP ten Clovis C. Azevedo
 BAURÚ — 4.º BP cap Domicio Silveira
 CAMPINAS — 8.º BP ten João José de Brito
 CASA BRANCA — 2.a cia/3.º BP ten Plinio Vaz
 CUBATÃO — Dest/CPR — ten Euclides Rizzaro
 JUNDIAÍ — Dest/CPR — ten Ari Aps
 MOGI DAS CRUZES — 1.a cia Ind ten Adelino R. Dos Santos
 Dest/CPR — ten Chead Abdala
 PIRACICABA — 3a cia /8.º BP ten Evandro Martins
 PRESIDENTE PRUDENTE — 3a cia Ind ten Julijandir Correa
 RIBEIRÃO PRETO — 3º BP ten Wagner P. Menezelo
 SANTOS — 6.º BP Cap. Gilberto Tuiuty Vila Nova e ten Paulo
 de Toledo Piza
 C I Bombeiros cap Paulo Marques e ten Francisco Gasparini
 SÃO JOSÉ DO RIO PRETO — 2a cia Ind cap Alcides Lelles Moreira
 SÃO MIGUEL PAULISTA — 1.a Cia 12.º BP — ten Carlos Fernandes
 SOROCABA — 7.º BP cap Alvaro Parreiras e ten Antônio Carlos M.
 Fernandes
 TAUBATÉ — 5.º BP Asp. Moacyr Alvarenga de Oliveira
 — Pedimos aos nossos representantes que qualquer divergência nas designações supras nos seja comunicada.